

**BULLYING: AS POTENCIALIZAÇÕES DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NO
ÂMBITO ESCOLAR**

FABIANA AGUIAR DE MIRANDA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE

DARCY RIBEIRO – UENF

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

MAIO – 2013

BULLYING: AS POTENCIALIZAÇÕES DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NO ÂMBITO ESCOLAR

FABIANA AGUIAR DE MIRANDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Cognição e Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Rosalee Santos Crespo Istoe

Coorientador: Prof. Carlos Henrique Medeiros de Souza

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

MAIO – 2013

**BULLYING: AS POTENCIALIZAÇÕES DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NO
ÂMBITO ESCOLAR**

FABIANA AGUIAR DE MIRANDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Cognição e Linguagem.

Aprovada: ____ de _____ de 2013

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Auner Pereira Carneiro
Universidade Estácio de Sá – UNESA
Dr. em Ciências – USP

Prof^a. Dr^a. Fernanda Castro Manhães
Faculdade Metropolitana de São Carlos – FAMESC
Dr^a. Em Comunicação de La Educación – Universidad Autonomia de Asuncion
Pós-doutoranda em Cognição e Linguagem - UENF

Prof. Dr. Carlos Henrique Medeiros de Souza
Dr. em Comunicação - UFRJ
Coordenador do Mestrado de Cognição e Linguagem – UENF
(Coorientador)

Prof^a. Dr^a. Rosalee Santos Crespo Istoe
(D. Sc. Saúde da Criança e da Mulher – Fundação Oswaldo Cruz)
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF
(Orientadora)

Eu clamo até, Ó Deus, pois Tu me respondes;

Inclina para mim os Teus ouvidos e ouve a minha oração.

Mostra a maravilha do teu amor, Tu, que com a Tua mão direita salvas os que contra Aqueles que os ameaçam.

Salmo: 17 6.7

AGRADECIMENTOS

A Deus, presença constante em minha vida. Muitos foram os momentos de cansaço e de incertezas, contudo Ele me sustentou, guiou meus passos e permitiu mais esta conquista.

Aos meus pais, que passando por cima de dificuldades, me deram condições de estudar, além de todo apoio possível durante minha vida;

Aos meus amigos da pós-graduação Joyce, Danielle, Karine, Karina, Gisele, Jacqueline, Jefferson, Douglas, o Padre, Fanne, Silva Carla, Décio e Carlos, pela caminhada na realização das disciplinas do mestrado, e pela grande amizade;

Aos meus amigos da UENF que ficaram para sempre Marcos Coelho e Priscila Maciel e outros que estiveram ao meu lado, durante a realização deste trabalho;

Aos meus parentes, por sempre se preocuparem e, em especial meus filhos que sempre se abdicaram do meu tempo, mas oferecendo todo apoio e amor nessa caminhada e a minha irmã de alma Msc. Cristiane Marinho dos Santos, além de outros amigos da família que sempre torceram pelo meu crescimento;

Aos meus amigos, por mais que a distância tenha sido inevitável, sei o quando torceram por mim.

Ao Prof.^o Dr.^o Carlos Henrique Medeiros de Souza, o qual participou diferentes momentos de minha preparação.

As funcionários e colaboradores da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro-UENF, por buscarem atender minhas necessidades da melhor forma possível.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que ao longo destes dois anos de mestrado estiveram ao meu lado como se fôssemos uma “família”, contribuindo para que eu concluísse este trabalho e encerrasse mais uma etapa em minha vida.

A cada um, o meu muito obrigada!

RESUMO

Esta dissertação trata-se da potencialização do *bullying* por meio das redes sociais digitais no âmbito escolar. Dentro desta perspectiva apontamos a pergunta que norteia este estudo: “Como a rede social vem sendo usada na potencialização do *bullying* no âmbito escolar e quais seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem?”. Também analisa-se a prática do *bullying* e suas inter-relações com a rede social em escolas do município de Macaé/RJ. Esta pesquisa desenvolveu um estudo teórico a cerca de rede sociais, *bullying* e o *Cyberbullying* nas escolas e suas consequências no ensino-aprendizagem. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, a partir de uma abordagem qualitativa e quantitativa. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados questionários aplicados aos alunos dos 9º anos das escolas em estudo e entrevistas com os orientadores educacionais das mesmas. A partir dos dados dos questionários constatou-se que todos os alunos pesquisados conhecem o *bullying*, já presenciaram algum tipo de agressão ou já viram alguém passando por esta situação. Através das entrevistas foi possível constatar que o fenômeno *bullying* traz dificuldades no ensino-aprendizagem de todos os alunos envolvidos neste contexto de agressão, seja ela, no âmbito escolar ou nos ciberespaços.

Palavras-chave: Redes Sociais, Bullying, Cyberbullying e Aprendizagem

ABSTRACT

This dissertation concerns the potentialization of bullying through the social networks within the school. From this perspective we point the question that guides this study: "How has the social network been used in potentiation of bullying at school and what is its impact on the teaching-learning process?". It also analyzes the bullying and its interrelationships with social networking in schools from the city of Macae / RJ. This research developed a theoretical study about social networking, cyber bullying and bullying in schools and its impact on teaching and learning. This is a descriptive study, from a qualitative and quantitative approach. As research instruments were used questionnaires to students from 9th grade of study in schools and interviews with educational advisers from them. Based on the data of the questionnaires it was found that all students surveyed know bullying already witnessed some type of aggression or have seen someone come through this situation. Through interviews it was established that the bullying phenomenon brings difficulties in teaching and learning of all students involved in the context of aggression, whether in the school or in cyberspace.

Keywords: Social Networking, Bullying, Cyber bullying, Learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: (a) Rede com ligações não orientadas, (b) Rede com ligações orientadas.	18
Figura 2: Topologias de redes de Paul Baran (1969).....	18
Figura 3: Esquema gráfico de equipamentos de uma rede.....	19
Figura 4: Página de um perfil do Orkut.	22
Figura 5: Página de um perfil do Twitter... ..	23
Figura 6: Página de um perfil no LinkedIn.....	24
Figura 7: Exemplo de uma página do Facebook.....	25
Figura 8: Distância entre as escolas A e B que se localiza-se no mesmo bairro	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das quantidade de alunos entre 13 a 18 anos das escolas A (privada) e B (pública), no Município de Macaé/RJ.....	57
Gráfico 2: Maior índice de agressores entre os gêneros.....	58
Gráfico 3: Porcentagem de alunos que sofreram algum tipo de agressão na escola da rede pública(A) e privada (B).....	59
Gráfico 4: Porcentagem dos tipos de agressões sofridas.....	61
Gráfico 5: Porcentagem de frequência com que ocorreu a agressão	62
Gráfico 6: Porcentagem de alunos que sabem o que é bullying	63
Gráfico 7: Percentual de alunos que obtiveram informações na escola sobre bullying.....	64
Gráfico 8: Porcentagem de quem informa sobre Bullying na escola	65
Gráfico 9: Porcentagem alunos que conhecem ou não vítima de Bullying.....	66
Gráfico 10: Onde o bullying acontece com mais frequência	67
Gráfico 11: Percentual de alunos que utilizam redes sociais.	69
Gráfico 12: Redes sociais mais utilizadas	69
Gráfico 13: Frequência de acesso às redes sociais, vezes ao dia.....	70
Gráfico 14: Onde as agressões são mais agravantes.....	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de alunos por segmento da Escola A.....	49
Tabela 2 – Número de alunos por segmento da Escola B.....	50
Tabela 3 – Respostas da entrevista com os orientadores educacionais.....	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPIA	Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
PIB	Produto Interno Bruto
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FIRJAN	Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

ÍNDICE

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
1. CONCEITOS DE REDES NO CONTEXTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	17
1.1 Redes sociais.....	19
1.2 Redes sociais <i>online</i>	21
2. VIOLÊNCIA.....	27
2.1 Violência: uma abordagem geral.....	27
2.2 Violência no âmbito escolar.....	30
3. BULLYING.....	33
3.1 Aspectos conceituais do <i>bullying</i>	33
3.2 Consequências do <i>bullying</i> diante da sociedade.....	36
3.3 <i>Bullying</i> : reflexos no ensino-aprendizagem.....	37
3.4 Ciberespaço.....	40
3.5 Cyberbullying.....	43
4. METODOLOGIA.....	47
4.1 Campo de estudo.....	47
4.2 Sujeitos da pesquisa.....	49
4.2.1 Caracterização das escolas.....	50
4.2.1.1 Abordagem geral do Projeto Político Pedagógico da Escola A.....	50
4.2.1.2 Abordagem geral do Projeto Político Pedagógico da Escola B.....	51
4.3 Instrumento de coleta e de análise dos dados.....	53
4.4 Questões éticas.....	53

4.5 Caracterização dos sujeitos.....	54
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	56
5.1 Entrevista com os orientadores educacionais da escola pública e privada do Município de Macaé/RJ.....	72
5.1.1 Respostas dos orientadores educacionais.....	73
5.1.2 Análise das entrevistas.....	75
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICES.....	86

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Todo processo institucional, inclusive o escolar, tem relação com a mudança nas relações de trabalho e os avanços científicos, conseqüentemente, as identidades oriundas desses choques entre concepções proporcionam novos paradigmas relativos à fluidez de comportamento.

Vive-se na era da informação, de rápidas mudanças nas estruturas sociais e em suas relações. Não é, portanto, uma simples questão de ponto de vista, é uma ressignificação dos papéis, ou melhor, a reconstrução dos parâmetros exercidos pela apropriação da convivência diária, não mais fechados e inertes. Pode-se observar tais fatos com facilidade no ciberespaço e nas tendências trazidas por ele, essas também espalhadas pela virtualização das relações nas redes sociais.

Poder acessar em tempo real toda sorte de informações de qualquer lugar do mundo, bem como suas principais fontes, representa uma forte mudança de paradigma social e proporciona um futuro cheio de possibilidades e fluidez, onde a informação do hoje (2012) pode ser a ultrapassada de amanhã, num curto espaço de tempo. O *Cyberbullying*, ao se prover da rapidez e visibilidade existentes nas redes sociais da Internet, possui um poder de evolução muito rápido, devido ao imediatismo da informação, e também é dotado de uma capacidade de dano moral muito forte, pois se concentra na violência moral.

Tendo isso em vista, a discussão sobre *bullying* é importante, por se tratar de um fenômeno que vem adentrando no âmbito escolar, desenvolvendo comportamentos patológicos e aversivos, interferindo negativamente nos processos de aprendizagem e convívio social.

- **Problema**

Como a rede social vem sendo usada na potencialização do *bullying* no âmbito escolar e quais são os seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem?

- **Hipótese**

A pesquisa parte do princípio de que o *bullying* feito no âmbito escolar, por meio das novas tecnologias de informação e comunicação (ciberespaço), aproveita a velocidade das informações para sua prática na rede social. Com isso, acredita-se que as redes sociais potencializam o *bullying* dentro das escolas, refletindo no processo ensino-aprendizagem.

- **Objetivos**

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a prática do *bullying* e suas inter-relações com a rede social em escolas do município de Macaé/RJ.

Especificamente, pretende-se:

- a) Verificar a origem e a evolução do *bullying* no âmbito escolar.
- b) Identificar vítimas, senários e autores em duas escolas, sendo uma pública e outra privada, no município de Macaé/RJ.
- c) Identificar o uso de redes sociais digitais na prática do *bullying* no âmbito escolar.
- d) Verificar as consequências do *bullying* na aprendizagem com base nas percepções dos orientadores educacionais das escolas analisadas.

- **Estrutura da dissertação**

A estruturação desta dissertação é realizada em seis partes. Na primeira parte, conceitua-se rede e as redes sociais, perpassando pelas principais redes sociais até chegar a mais utilizada hoje (2012). Na segunda parte apresenta-se uma abordagem geral sobre a violência e a violência no âmbito escolar. A terceira parte trata dos aspectos conceituais do *bullying*; suas consequências diante a sociedade; é feita uma reflexão da prática do *bullying* sobre o ensino aprendizagem; são

realizadas algumas considerações sobre ciberespaço; e por fim, é apresentada sua variante o *bullying* virtual (*ciberbullying*).

Na quarta parte define-se a metodologia para a análise das informações coletadas das escolas das redes públicas e privadas do município de Macaé-RJ, através de questionários e entrevistas, sendo também realizados levantamentos estatísticos para os mesmos, além da caracterização dos sujeitos pesquisados. Na quinta parte são apresentados e discutidos os dados obtidos por meio de questionários aplicados aos alunos e orientadores educacionais das redes públicas e privadas.

Fazem também parte deste trabalho as considerações finais, as referências, os apêndices e os anexos.

1. CONCEITOS DE REDES NO CONTEXTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Ao procurar a gênese da palavra “rede” é possível observar que este conceito já existia na mitologia, quando se referia a labirintos. Na Antiguidade, Hipócrates associou a noção de rede definitivamente à metáfora do organismo, a partir da comunicação entre as veias. Musso (2004) explica que a palavra rede (*réseau*) só apareceu na língua francesa no século XII, para designar redes de caça ou de pesca, cestas, tecidos e malhas que estão em torno do corpo. No século XVII, médicos e naturalistas utilizaram o termo rede para descrever o “corpo reticular da pele”.

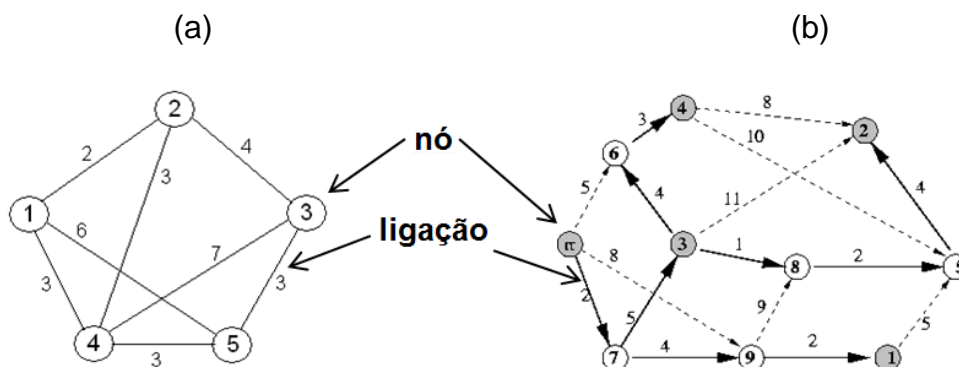
A gênese da palavra rede descrita por Musso (2004) relata ainda que há uma grande ruptura na virada do século XVIII para o século XIX: a rede não é mais apenas observada sobre ou dentro do corpo humano, ela pode ser construída.

No século XX, o surgimento da internet foi um dos responsáveis pela transformação semântica que o termo rede passou, sobretudo nos anos 60 a 90. A rede deixa de ser um fenômeno localizado e torna-se a base para uma compreensão da sociedade contemporânea.

O conceito moderno de redes diz que uma rede é um conjunto de nós, que podem ser quaisquer objetos, unidos por ligações de duas a duas. Uma ligação, segundo Rosenstiel (1988), é incidente sobre dois nós e em alguns casos podem ser orientadas de um nó para outro. A figura 1 ilustra um exemplo de uma rede com ligações orientadas e não orientadas.

A topologia de uma rede é definida pela forma como seus nós estão interligados. A Figura 2 ilustra os diagramas de Paul Baran (1964). É importante observar que os nós estão no mesmo lugar, o que muda nos desenhos é a topologia, os caminhos de fluxos entre os nós.

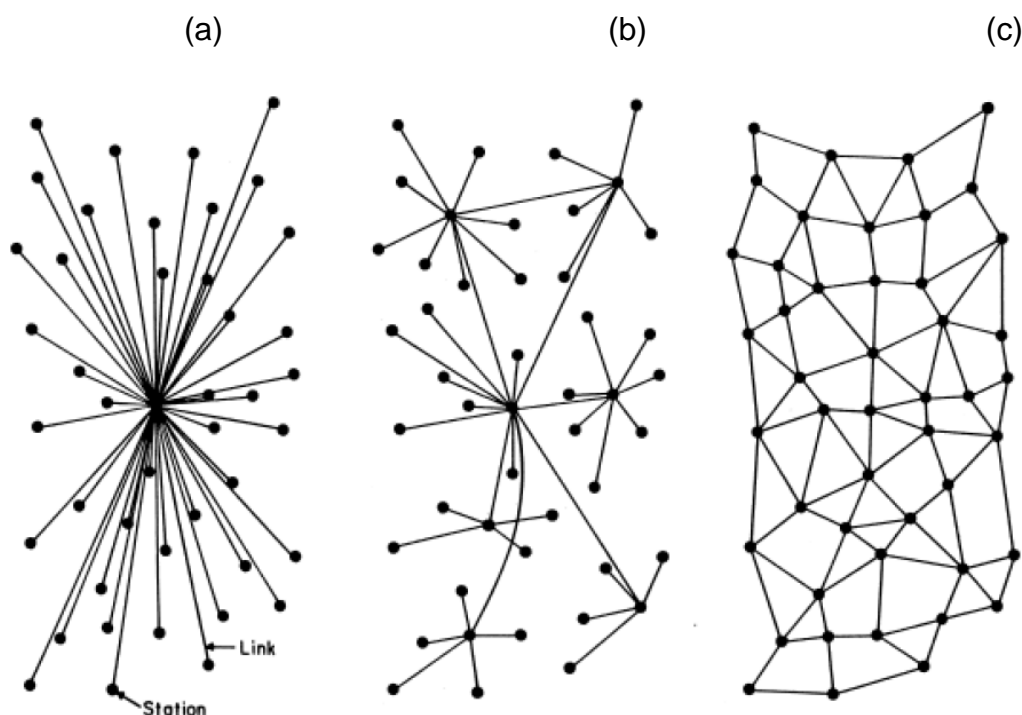
Figura 1: (a) Rede com ligações não orientadas, (b) Rede com ligações orientadas.



Fontes: <<http://www.upload.wikimedia.org>>; <<http://www.sbmac.org.br>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

A topologia centralizada (Figura 2.a) tem por característica a centralização de todo o fluxo em um único nó. Por sua vez, a topologia descentralizada (Figura 2.b) apresenta não a falta de um centro, como interpretado por muitos, mas sim a configuração de muitos centros de fluxo. Por fim a topologia distribuída (Figura 2.c) apresenta a característica da ausência de um centro de fluxo entre os nós da rede, outro ponto importante desta topologia é sua capacidade de redundância de fluxo, ou seja, a eliminação de um simples nó não afeta o fluxo para os demais nós da rede.

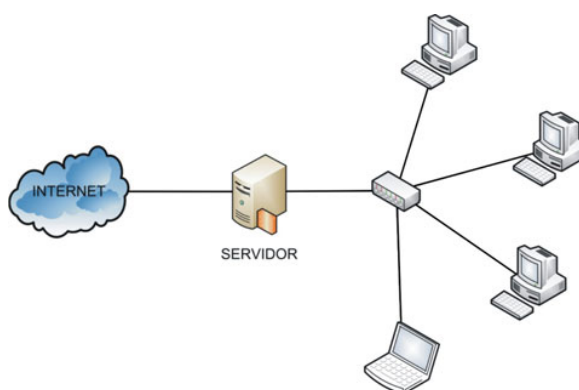
Figura 2: Topologias de redes de Paul Baran (1969).



Fonte: Baran, Paul (1969), p.2.

Nos dias atuais, devido aos avanços das tecnologias de comunicação e informação, a palavra rede muitas vezes é associada ao ciberespaço, às tecnologias físicas das redes de computadores e, principalmente, às relações sociais virtuais. Para Spudeit (2010), o conceito de redes sofreu modificações, e no século XXI, as redes estão inseridas na sociedade, nas relações sociais, nas relações virtuais e no ciberespaço. Redes passaram a ser sinônimos de relações sociais e tecnológicas (figura 3).

Figura 3: Esquema gráfico de equipamentos de uma rede



Fonte: <<http://www.13bits.com.br>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

1.1 Redes Sociais

Para Franco (2012), a novidade do que tempo em que vivemos não é o surgimento de uma sociedade em rede, mas a generalização do entendimento de que sociedade significa rede social. Uma sociedade em rede pode ser definida como apresentado por Castells (2005):

“uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir do conhecimento acumulado nos nós dessas redes”. (Castells, 2005, p.20).

As redes sociais e a análise destas é um campo acadêmico intrinsecamente interdisciplinar que surgiu a partir da psicologia social, sociologia, estatística e teoria dos grafos e que hoje se estende às mais diversas áreas do conhecimento como biologia, economia, comunicação, ciências da informação entre outros.

As primeiras representações de redes sociais são atribuídas a Jacob Moreno (1889-1974), filósofo, sociólogo que desenvolveu os primeiros sociogramas na década de 1930 para estudo das relações interpessoais. As abordagens feitas por Jacob Moreno foram matematicamente formalizadas na década de 1950 e as teorias e métodos de redes sociais tornaram-se cada vez mais presentes nas ciências sociais e comportamentais da década de 1980. As análises de redes sociais é agora um dos principais paradigmas da sociologia contemporânea. A compreensão do social é reforçada pela percepção de que não existem unidades humanas separadas, de que social não é conjunto de pessoas, mas o que está entre elas.

Um ponto reforçado por Franco (2012) é de que redes sociais não constituem de um novo padrão de organização que surgiu com o as novas tecnologias de informação e comunicação. É preciso entender que redes são um padrão de organização que pode ser desenvolvido a partir de diferentes mídias e tecnologias, tais como tambores, conservas presenciais, cartas, sinais de fumaça entre outros mais. Uma rede social portanto pode ser vista como uma estrutura social composta por um conjunto de atores sociais (como indivíduos ou organizações) e um conjunto complexo das relações, interações, compartilhamentos, entre esses atores.

Desta maneira, Lévy (1999), Castells (2005) e Franco (2012), defendem que é o social que determina a organização em rede e não o tecnológico. A tecnologia é condição necessária mas não suficiente para o surgimento de uma nova forma de organização baseada em redes, mais distribuída do que centralizada. Ainda que as tecnologias mais interativas em tempo real (*chats*, vídeo conferências) possam facilitar a adoção de padrões mais distribuídos e acelerar a interação entre indivíduos, é o modo como as pessoas interagem (social) e não os recursos (tecnológico) que determina o comportamento coletivo, a rede.

Um último ponto a ser destacado é a importância de se diferenciar redes sociais de redes sociais *online*. O termo rede social tem sido frequentemente associado a sites de relacionamentos e troca de mensagens como por exemplo Twitter, Facebook, Orkut entre outros. De acordo com Franco (2012), essa

associação é equivocada principalmente porque redes sociais são pessoas interagindo e não ferramentas de interação.

1.2 Redes sociais *online*

Desde seu aparecimento, as redes sociais online, como o *Facebook*, *Twitter*, *Google+* e *Orkut*, têm atraído milhões de usuários, muitos dos quais têm integrado esses sites em suas rotinas diárias.

Com os avanços tecnológicos dos meios de transmissão de dados, maior aquisição de dispositivos informáticos (*notebooks*, *netbooks*, computadores, *smartphones*) e acesso facilitado à Internet, as redes sociais online se tornaram um fenômeno dos tempos atuais.

De acordo com Boyd & Ellison (2008), redes sociais *online* podem ser definidas como serviços web que permitem aos indivíduos construir um perfil público ou privado dentro de um sistema limitado, gerenciar uma lista de outros usuários com quem eles compartilham uma conexão, e ver e percorrer sua lista de conexões e aquelas feitas por outras pessoas dentro do sistema. A natureza e nomenclatura dessas conexões podem variar de site para site.

De maneira geral, as redes sociais *online*, normalmente, são um serviço *online*, plataforma ou site que foca em construir e refletir redes sociais ou relações sociais entre pessoas, que, por exemplo, compartilham interesses e ou atividades.

O Orkut representa um dos primeiros casos de sucesso de redes sociais *online*. Criado por Orkut Buyukkokten e lançado pela Google em 2004. Esta rede permitia apenas a entrada de usuários através de convites feitos por usuários já participantes da rede. Em um primeiro momento a rede estava restrita aos usuários dos Estados Unidos, mas rapidamente alcançou os usuários e a popularidade em países como o Brasil e a Índia (www.orkut.com).

O Orkut (figura 3) funciona basicamente através de perfis e comunidades. Nos perfis os usuários podem adicionar fotos, escrever comentários (*scraps*) e adicionar amigos. As comunidades são criadas pelos usuários e permitem agrupar indivíduos que compartilham o mesmo interesse. As comunidades passam a

funcionar como fóruns, com tópicos e mensagens compartilhadas entre os usuários da comunidade.

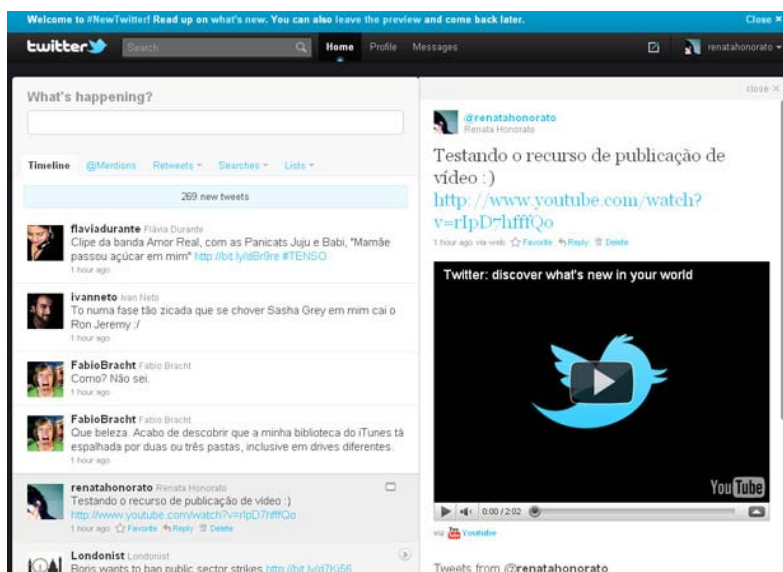
Figura 4: Página de um perfil do Orkut



Fonte: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Lançado oficialmente em outubro 2006, o *Twitter* foi desenvolvido pela *ObviousCorp*. O *Twitter* inovou a forma como seus usuários se comunicam. Após realizar o cadastro, os usuários podem começar a escrever os textos, chamados de *tweets*. A diferença é que estes *tweets* podem ter no máximo 140 caracteres. Os *tweets* são exibidos em tempo real no perfil do usuário. Cada usuário é capaz de monitorar os *tweets*, acompanhar as atualizações do perfil de outros usuários, que serão listados sob a etiqueta Seguindo (www.twitter.com).

As pessoas usam o *Twitter* para se comunicar, fazer perguntas, pedir informações, discutir e validar ideias com os outros. Com aproximadamente 175 milhões de usuário o *Twitter* ganhou extensa notabilidade e popularidade por todo mundo (figura 4).

Figura 5: Página de um perfil do *Twitter*

Fonte: <<http://www.twitter.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

LinkedIn lançada em maio de 2003 tem como objetivo ser uma rede social voltada para usuários do mercado de trabalho. Os usuários registrados podem criar uma rede de colegas de trabalho ou outros parceiros de negócio. As pessoas nessa rede são chamadas de conexões. *LinkedIn* permite ainda que os usuários procurem emprego, busquem especialistas em uma determinada área ou façam contato com outros profissionais através de uma cadeia de conexões confiáveis (www.linkedin.com).

Em 2011, *LinkedIn* (figura 5) possuía mais de 135 milhões de usuários registrados em mais de 200 países e territórios. O site está disponível em inglês, francês, alemão, italiano, português, espanhol, romano, russo, turco e japonês.

Figura 6: Página de um perfil no *LinkedIn*

Fonte: <<http://www.linkedin.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Existem muitas outras redes sociais. O *Myspace* (www.myspace.com) lançado em 2003, já foi a mais popular rede social do mundo. O *Youtube* (www.youtube.com) é maior rede de compartilhamento de vídeos. O *Ebah* (www.ebah.com.br) é uma rede social do Brasil voltada para o campo acadêmico, tendo como principal objetivo o compartilhamento de informações e arquivos entre estudantes e professores de graduação e pós-graduação. O *Flickr* (www.flickr.com) é um site da web de hospedagem e partilha de imagens fotográficas, o *Flickr* permite a seus usuários criarem álbuns para armazenamento de suas fotografias e entrarem em contato com fotógrafos variados e de diferentes locais do mundo. *Foursquare* (www.foursquare.com) é uma rede social que permite ao utilizador indicar onde se encontra, e procurar por contatos seus que estejam próximo desse local. O *Google+* (www.plus.google.com) a mais nova rede social da *Google*, lançada em 2011, já conta com mais de 45 milhões de usuários.

O *Facebook* (www.facebook.com) é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente. Criado em 2004, por um grupo de estudantes de Harvard liderado por Mark Zuckerberg, o então chamado *The Facebook* permaneceu restrito a estudantes universitários até o ano de 2006, quando permitiu que qualquer usuário pudesse fazer um cadastro. No mesmo ano o

The Facebook passa a ser conhecido apenas como *Facebook* e desde então tem se tornado a rede social mais famosa da internet (www.seututorial.com).

Essa interação surge essencialmente pelos comentários a perfis, pela participação em grupos de discussão (figura 6) ou pelo uso de aplicações e jogos. É um espaço de encontro, partilha, discussão de ideias e, provavelmente, o mais utilizado entre estudantes.

Figura 7: Exemplo de uma página do *Facebook*



Fonte: <<https://www.facebook.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Esta rede social proporciona uma vasta lista de ferramentas e aplicações que permitem aos utilizadores comunicar e partilhar informação, assim como controlar quem pode acessar à informação específica ou realizar determinadas ações (EDUCAUSE, 2007).

O *Facebook* transformou-se não só em um canal de comunicação e um destino para pessoas interessadas em procurar, partilhar ou aprender sobre determinado assunto, mas em um meio de oportunidades. Trata-se de uma ferramenta popular, fácil de usar e não necessita de desenvolvimento interno ou de aquisição de *software*. Além disso, é útil para alunos, professores e funcionários, permitindo assim, a integração de diversos recursos no *Facebook* (RSS feeds, blogs, Twitter, entre outros), fornece alternativas de acesso a diferentes serviços,

permite o controle de privacidade (pode-se controlar a informação que se quer, que os outros vejam sobre nós mesmos), e, acima de tudo, não pode ignorá-la (KELLY, 2007).

Foi realizada uma abordagem nesta primeira parte sobre as redes sociais, como sendo as novas tecnologias de informação e canais de comunicação, que são usadas para a prática do *bullying*. Nesse sentido, a próxima parte apresenta o fenômeno *bullying*, caracterizando-o e descrevendo suas consequências, as quais afetam as crianças e os jovens no âmbito escolar.

2. VIOLÊNCIA

Esta parte tece uma abordagem geral da violência antes de adentrar no assunto da violência no âmbito escolar.

2.1 Violência: uma abordagem geral

A grande maioria das considerações a respeito do fenômeno da violência demonstram que a violência não só assume muitas formas e características muito diferentes, como também que a gama de definições é considerável e cria amplas controvérsias sobre o que é a violência e como esta deve ser definida.

O termo violência tem sua origem no latim, “violentia”, que significa violência, comportamento bravo. Tais significados estão constantemente relacionados a uma forma de força ou potência, que agride, transgride algo ou alguém. (CARREIRA, 2005). Neste sentido, comumente associamos violência com a aplicação intencional de força física aplicada por uma pessoa diretamente contra uma ou mais pessoas com a finalidade de garantir um fim contra a vontade destas. Para Michaud (1989), a força se torna violenta quando passa da medida ou perturba uma ordem.

Haan (2008) aponta ainda que a dificuldade de definir o conceito de violência está associado à sua característica de ser, como fenômeno, multifacetado. Existem muitas formas diferentes de violência, que estão expostas em uma grande variedade de contextos, por exemplo, violência escolar, violência doméstica, violência racista, violência urbana, violência no local de trabalho entre outros. A violência pode ser física (agressões, abusos, assaltos) ou verbal (intimidações, humilhações, ofensas). Pode ser individual ou coletiva, nacional ou internacional. O contexto pode ser privado ou público e as vítimas podem ser familiares, conhecidos ou estranhos. Ainda com relação às diferentes formas de violência, Waddington, Badger & Bull (2004) mostra que alguns incidentes ocorrem, mais ou menos, de maneira inesperada, enquanto outros ocorrem dentro de algum tipo de relação em que o conflito se agrava. Alguns incidentes ocorrem e terminam em alguns momentos, enquanto outros evoluem para relações de conflito a longo prazo. Ataques não-

físicos podem ser feitos contra o sexo, raça ou sexualidade da vítima, ou sua integridade profissional.

É preciso considerar ainda que violência é um conceito socialmente construído, porque quem e o que é considerado violento varia de acordo com fatores socioculturais e históricos específicos. Os significados que os participantes de um episódio violento dão às suas próprias e outras ações e experiências variam e podem ser cruciais para decidir o que é e o que não é considerado violência. Para Haan (2008), não existe uma relação simples entre a aparente severidade de um ataque e o impacto que isso tem sobre a vítima. Esta visão é sustentada, por exemplo, em alguns casos, onde a agressão verbal se mostrou mais nociva e debilitante do que a agressão física.

Cada sociedade está às voltas com sua própria violência, com aquilo que ela rotula como violento, dependendo de critérios de valores, leis, normas, religião, tradição, história e outros fatores. Desta maneira, dependendo do contexto e perspectiva, ações violentas tanto podem ser condenadas e consideradas imorais, ilegais e prejudiciais quanto podem ser admiradas e consideradas morais e legais.

Numa outra perspectiva, Debarbieux (2002) considera a desigualdade e a exclusão são um dos maiores fatores de violência e passa ser um desafio para qualquer governo:

A violência representa um desafio às democracias: o desafio da guerra contra a exclusão e a desigualdade social. Essa desigualdade não se refere apenas aos "bairros sensíveis", ela existe em escala planetária: existe uma comunidade global de problemas, porque, se existe de fato essa coisa chamada globalização, ela é a globalização da desigualdade, que afeta os bairros de classes trabalhadoras tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em dificuldades. A mobilização deve ser, portanto, em nível internacional. (DEBARBIEUX, 2002, p7)

Desta maneira, as expressões violentas identificadas na sociedade podem ser um reflexo da insatisfação ante as injustiças sociais. Para Carreira (2005), o problema possa ser amenizado, quando as pessoas conseguirem organizar-se socialmente sem que haja tanta desigualdade e tanta exclusão.

Para (CARREIRA, 2005), o homem é um ser que deseja realizações em uma sociedade opressora e cheia de regras. O homem neste caso possui duas alternativas, ou ele se opõe ou se integra às regras. Assim, a organização e

reorganização interior humana e social é impulsionada por estas situações de busca de equilíbrio interno, de desejos e abnegações. Portanto, neste sentido, a violência pode ser reflexo da nossa incapacidade de lidar com os conflitos internos e externos que enfrentamos no dia-a-dia.

Maffesoli (1987, p.20) valoriza a ideia do conflito de valores, quando cita Max Weber, que afirma a compreensão da violência “não como um fato anacrônico, uma sobrevivência dos períodos bárbaros ou pré-civilizados, mas sim, como a manifestação maior do antagonismo existente entre a vontade e a necessidade.” Para o autor, a violência, como uma das formas que move as relações humanas, não deixa de levar em conta a instabilidade social como parte de tudo aquilo que, ao invés de abolir os antagonismos, tenta ordená-los. Desta forma, os conflitos são os principais responsáveis pelas mudanças nas relações sociais que podem até resultar em violência.

Os conflitos em nossa sociedade não acontecem apenas na nossa época, mas sim desde que nascemos, no dia a dia e estão relacionados a várias situações conflitantes. Chrispino e Chrispino (2002) definem conflito da seguinte forma:

O conflito, pois, é parte integrante da vida e da atividade social, quer contemporânea, quer antiga. Ainda no esforço de entendimento do conceito, podemos dizer que o conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações. Percebe-se que não existe aqui a noção estrita de erro e de acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes. (CHRISPINO,2004,p 45)

Para Maffesoli (1987), a violência é uma questão de base que, constantemente, tem estruturado as relações sociais em decorrência de socialização e acordo. Na visão desse autor, a violência pode traduzir-se como sendo uma força que encontra seu lugar nas mudanças sociais. É fruto da instabilidade presente no relacionamento humano. Esta força significa o pluralismo das ideias e a heterogeneidade.

É possível identificar, na história da civilização humana, que as grandes revoluções e transformações sociais foram resultado, muitas vezes, de movimentos conflituosos, dos quais alguns resultaram em atos violentos que, por sua vez, trouxeram à sociedade uma reformulação de suas estruturas. Estes seriam

exemplos da função positiva da manifestação violenta de conflitos apresentada por Maffesoli (1987). Para o autor a tendência à destruição, à agressão, à crueldade é um dado fundamental da vida social, e neste sentido, ao invés de negá-lo é preciso ver como ele participa da estruturação da civilização. Entendemos que a violência é um fenômeno ambivalente pois a destruição sempre é vista como uma agressão intolerável, que só em seguida é entendida como fundamento da estruturação social.

Diante do exposto, é inegável a manifestação da violência sob as mais diversas formas de expressão: violência doméstica, violência urbana, violência no âmbito escolar. Tal fato remete a importância da necessidade de uma análise e estudo da violência considerando todas as suas particularidades, formas de expressão e ambiguidades.

2.2 Violência no âmbito escolar

A violência no âmbito escolar pode ser abordada em vários aspectos, caracterizando a maneira, o tipo e o lugar em que o aluno vivencia. Esse problema vem agravando ainda mais ao decorrer do tempo e representa comportamentos cada vez mais agressivos.

Charlot (2002) caracteriza a violência escolar em três níveis: o da violência propriamente dita, o das incivildades, e o da violência simbólica ou institucional. Sob o primeiro rótulo, estariam os atos de violência facilmente identificados pelo senso comum como golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo, etc. Sob o segundo, estariam as humilhações, as palavras grosseiras, a falta de respeito etc. Já no terceiro, estariam as práticas que nem sempre são avaliadas pelos atores como manifestações de violência, possivelmente por estarem arraigadas no cotidiano das escolas, como, por exemplo, a violência que se estabelece nas relações de poder em sala de aula ou a minimização da importância do professor no contexto escolar. Segundo Charlot,

A violência da escola se caracteriza na violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de

notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos e racistas. (CHARLOT, 2002, p. 435)

As várias formas de manifestação da violência vêm obtendo cada vez mais destaque na sociedade brasileira, principalmente, a partir da década de 1980. O problema foi só aumentando gradativamente, sendo possível presenciar essa realidade tanto na escola pública quanto na particular, tornando-se um problema mundial. Por esse motivo, suas diferentes manifestações têm preocupado de forma especial a pais e educadores.

A problemática da violência na escola, de certa forma, se reproduz na escola enquanto ambiente que instrui o cidadão para a vida e para o mundo. Não é de hoje que profissionais da educação, alunos e pais estão se surpreendendo com problemas de violência entre jovens alunos.

Pesquisas realizadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com jovens de diversas cidades do Brasil (Brasília, Fortaleza, Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo) permitiram verificar que aproximadamente 60% dos jovens na faixa de 14 a 19 anos de idade foram vítimas de algum tipo de violência nas unidades escolares nos últimos anos (DEBARBIEUX & BLAYA, 2002).

Segundo Nogueira (2003), ao analisar o fenômeno da violência, se vê diante de uma série de dificuldades, não apenas porque o fenômeno é complexo, mas, principalmente, porque faz refletir sobre nós mesmos, sobre os pensamentos e sentimentos. De modo geral, a violência se confunde, se interpenetra, se inter-relaciona com agressão e/ou com indisciplina, quando se manifesta na esfera escolar. Portanto, a violência no âmbito escolar, tanto no Brasil quanto em outros países, procede da situação de violência social que modifica o cotidiano escolar (violência na escola), como pode manifestar particularidades de comportamento que nascem no âmbito escolar (violência da escola).

A violência nas escolas é, atualmente, um fenômeno real que já faz parte dos problemas sócio-políticos do país. Trata-se de uma questão multicausal e complexa que demanda ainda análises e estudos mais aprofundados.

Fante (2005) apresenta alguns fatores que crê estarem relacionados ao comportamento agressivo e violento dentro da escola. Este tema é de difícil entendimento, devido à complexidade da determinação de sua causa e da resolução deste problema. Fatores internos e externos à escola influenciam no desenvolvimento do caráter e das relações interpessoais que atingem, não somente a sociedade como um todo, mas, principalmente, as crianças. Obviamente, a escola não detém meios para impedir a intervenção do ambiente em que a criança vive quando não está na escola.

Fante (2005, p. 168) classifica os fatores internos em três categorias: “[...] o clima escolar, as relações interpessoais e as características individuais de cada membro da comunidade escolar”. A impressão que se tem é que o nível de insegurança nas escolas, independente se pública ou privada, cresceu muito. O que se tem feito para tentar acabar com isso? Todos os problemas encontrados na sociedade e, principalmente, a questão da violência têm sido refletidos dentro da escola. Ora, os padrões morais que, os adultos deveriam ter bem desenvolvido aparentemente não tem sido suficiente para que as crianças transmitam a tranquilidade, a cooperação, o respeito pelas diferenças e a paz necessária para a convivência social.

Para Neto (2005), a escola tem que ser um ambiente que proporcione às crianças e adolescentes a capacidade de desenvolvimento pleno dos potenciais intelectuais e sociais. Desta forma é inadmissível que alunos sofram violências que lhes tragam danos físicos ou psicológicos, que se calam ao testemunharem tais fatos para que não sejam também agredidos, ou ainda, diante da omissão e tolerâncias dos adultos, adotem comportamentos agressivos”.

Sendo assim, a seguir é conceituado e analisado o *bullying* e suas consequências para os jovens com relação ao processo aprendizagem, através do cyberspaço potencializando o *bullying* virtual (*cyberbullying*).

3. BULLYING

Esta parte apresenta conceitos, consequências e reflexos da prática do *bullying* no ensino-aprendizagem. Por fim, trata de aspectos conceituais e particularidades sobre o ciberespaço e *cyberbullying*.

3.1 Aspectos conceituais do *bullying*

O *bullying*, na visão de Olweus (1993) e de Nansel *et al* (2001), é um comportamento agressivo, que é intencional e que envolve um desequilíbrio de energia ou de força. Às vezes este desequilíbrio envolve diferenças de força física entre crianças, mas muitas vezes é caracterizada por diferenças de poder social ou status. Para Fante (2005, p. 15):

A violência entre escolares, desencadeada de forma repetida contra uma mesma vítima ao longo do tempo e dentro de um desequilíbrio de poder, conhecida como Bullying [...], fenômeno social de grande relevância e por possuir características peculiares que podem ser identificadas. Dentre elas, talvez a mais grave seja a sua propriedade de causar danos psicológicos irreparáveis ao psiquismo (se não identificado e tratado), à personalidade, ao caráter e à autoestima de suas vítimas [...].

Peterson (2001) define o *bullying* como sendo um comportamento agressivo, que é repetido ao longo do tempo, é intencionalmente prejudicial e ocorre sem provocação.

Devido a esse desequilíbrio de poder ou força, uma criança que está sendo intimidada tem um período difícil para se defender a si mesmo. Normalmente, o *bullying* não ocorre apenas uma vez ou duas vezes, mas é repetido ao longo do tempo. É certo que, por vezes, é bastante difícil para os adultos de saber se o comportamento ocorreu repetidas vezes, crianças como são muitas vezes bons em esconder o *bullying* e relutantes em denunciar o assédio moral que eles experimentam ou testemunham. No entanto, é importante para tentar determinar se um comportamento é uma ocorrência única ou se que faz parte de um padrão de comportamento em andamento. Embora, os adultos devam intervir sempre que

observar o comportamento agressivo inadequado (mesmo se o comportamento parece ser um acontecimento isolado).

Formas tradicionais de *bullying* incluem comportamentos diretos, como bater, chutar, insultar, provocar maliciosamente ou xingar, mas também envolvem comportamentos indiretos (muitas vezes menos óbvio), como o boato que se espalha, a exclusão social ou ostracismo, e manipulação de amizades (por exemplo: "Se você é amigo dela, nenhum dos nos vai falar com você"). As formas mais comuns de *bullying* (para meninos e meninas) envolvem o uso de palavras, como xingamentos, brincadeiras maliciosas, ou insultos verbais sobre uma aparência ou da fala (NANSEL *et al*, 2001).

Historicamente, o *bullying* não tem sido visto como um problema que precisava de atenção, mas tem sido aceito como uma parte fundamental e normal da infância (LIMBER; SMALL, 2003). Nas últimas duas décadas, no entanto, essa visão mudou e na escola o assédio moral é visto como um problema sério que exige atenção. *Bullying*, de acordo com McCarthy *et al* (2001), é um problema antigo da sociedade, começando na escola e, muitas vezes, progredindo para a sala de aula.

Em relação às características das crianças vítimas de *bullying*, não existe um único perfil de vítimas passivas de *bullying*. Olweus (1993) sugere que eles são susceptíveis de ter uma ou mais das seguintes características:

- Elas são normalmente calmas, cautelosas, crianças sensíveis que podem ir facilmente às lágrimas.
- Elas podem ser inseguras, têm pouca confiança, e sofrem de baixa auto-estima.
- Elas, geralmente, têm poucos amigos e são socialmente isoladas.
- Elas podem ter medo de ser feridas.
- Elas podem ser ansiosas ou deprimidas.
- Elas tendem a serem fisicamente mais fracas do que os seus pares (especialmente no caso dos meninos).
- Elas podem achar mais fácil de passar o tempo com os adultos (pais, professores, treinadores, etc.) do que pessoas da mesma idade.

Como é discutida mais adiante, a baixa auto-estima, ansiedade, e depressão podem ser consequências comuns de *bullying*, mas elas também podem ser precursoras de *bullying* em algumas crianças. Pesquisas indicam que as crianças com estas características são realmente mais susceptíveis de se tornarem vítimas de *bullying* (FEKKES *et al*, 2006).

Os estudos sobre esse fenômeno no Brasil ainda estão começando, havendo ainda uma contradição entre os autores se o *bullying* (que ainda não tem uma definição exata na língua portuguesa) é realmente algo existente nas escolas brasileiras. A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA), com o patrocínio da Petrobrás, realizou um programa para constatar e implantar medidas para reduzir o comportamento agressivo entre estudantes de escolas do Rio de Janeiro. Coordenado pelo médico Aramis Antônio Lopes Neto, o projeto que ainda está em andamento, visa conscientizar a população sobre a agressividade e o *bullying* que envolve diversas formas de agressão e intimidação (ofender, zoar, escarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, bater, chutar, empurrar, quebrar pertences, entre outros), conforme já mencionado anteriormente, são elementos encontrados em qualquer escola (RAHAL, 2007).

Contradizendo o que afirma Lopes Neto (2005), Abramovay (2005), socióloga e vice coordenadora do Observatório de Violência nas Escolas acredita que o que se tem no Brasil é a própria violência escolar e não a prática do *bullying*. Ela defende que o termo *bullying* é muito vazio para a violência observada e estudada aqui. Em todo o caso, seja qual for o nome ou termo usado, são encontrados diversos exemplos de violência sistematizada nas escolas, usada por grupos que se consideram superiores aos demais colegas, fazendo com que suas vítimas sofram caladas e envergonhadas.

O professor norueguês Olweus, segundo Fante (2005), pioneiro nas pesquisas sobre o *bullying* e que há quase trinta anos trabalha para reduzir o comportamento agressivo entre os alunos, enfatiza o desenvolvimento desse fenômeno nas salas de aula. Os conflitos existentes entre alunos de uma mesma classe são muito comuns. Há certa tensão que ronda esse ambiente fazendo com que todos que convivem nele se sintam (pelo menos, um pouco) ameaçados. Os

casos de agressão existem devido a diversos fatores. Eles podem ser uma forma de diversão para o agressor ou uma simples maneira de se auto afirmar perante seus colegas.

3.2 Consequências do *bullying* diante da sociedade

Experienciar o *bullying* tem consequências negativas imediatas e implicações a longo prazo, podendo gerar dificuldades sociais, emocionais e acadêmicas, que estão diretamente relacionadas à frequência, duração e severidade dos atos de *bullying* (LOPES NETO, 2005).

O *bullying* afeta todos os envolvidos neste fenômeno, mas particularmente as vítimas, de modo que estas podem continuar a sofrer os resultados negativos do *bullying* para além do período escolar, podendo, por exemplo, apresentar prejuízos em suas relações de trabalho (FANTE, 2005). Além disso, as crianças que sofrem *bullying* apresentam maior tendência a desenvolver depressão e baixa autoestima quando adultos (LOPES NETO, 2005).

As vítimas de *bullying*, em geral, ficam amedrontadas e com baixa autoestima, podendo apresentar baixo desempenho escolar, déficit de concentração e aprendizagem. Estudos realizados por Olweus (1993) apontam que muitas crianças vítimas de *bullying* desenvolvem medo, pânico, depressão e distúrbios psicossomáticos. Com frequência resistem ou recusam-se a frequentar a escola, chegando a trocar de colégio, podendo desenvolver fobia escolar e social e, inclusive, abandonar efetivamente os estudos (evasão escolar). As vítimas podem, então, isolar-se socialmente, chegando muitas vezes ao ponto de tentarem ou cometerem suicídio (OLWEUS, 1993; LOPES NETO, 2005).

Os agressores têm grande probabilidade de na vida adulta virem a adotar comportamentos antissociais e violentos, podendo apresentar atitudes delinquentes e/ou criminosas (LOPES NETO, 2005). Futuramente, podem adotar atitudes agressivas no ambiente familiar (violência doméstica) e no trabalho (LOPES NETO, 2005), apresentando dificuldades de inserção social e impulsividade, dificuldades em

respeitar leis, estando mais propensos ao uso de drogas, o porte ilegal de armas e furtos (FANTE, 2005).

Estudos têm demonstrado uma significativa correlação entre depressão e vitimização (OLWEUS, 1993). Em um estudo sobre *bullying*, Olweus (1993) identificou que os agressores têm uma personalidade antissocial combinada com a força física, enquanto que as vítimas mostram-se ansiosas e fracas fisicamente.

Em consonância com essas ideias, Craig (1998) constatou que os agressores apresentam mais comportamentos antissociais e de agressão física do que as vítimas, apresentando menores níveis de ansiedade e depressão. Em contrapartida, as vítimas mostraram um aumento de depressão e ansiedade.

3.3 *Bullying*: reflexos no ensino-aprendizagem

Discutir a ausência de êxito escolar, segundo Cunha (2011), de primeira parece regredir a uma temática muito discutida, entretanto, diferentes fatores podem contribuir para o surgimento de dificuldades de aprendizagem. Buscar a identificação da causa e mudar o processo demanda uma articulação que vai além da sala de aula e dispõe de um universo de sentimentos e atores nem sempre reconhecidos como protagonistas do problema que atinge muitos alunos.

A aprendizagem só ocorre quando o aluno é compreendido completamente. Ser detentor das bases biológicas adequadas não garante que o aluno vai aprender. Ele passa a desenvolver significados e dar sentido ao que aprende quando entende a relevância de como será usado na sua vida, ou seja, daquilo que está aprendendo. Assim, ele vai querer aprender e, então, entenderá os conteúdos.

Cunha (2011) afirma que o aluno aprende por meio da imagem de si próprio que recebe do outro. Quando essa imagem é comprometida através de frequentes agressões cometidas por colegas da escola, ocorre um desequilíbrio emocional da parte do aluno causando a baixa de auto-estima, depressão, entre outros problemas.

Cunha (2011) enfatiza que a aprendizagem não tem começo, meio e fim, ela acontece a partir da experiência ou prática.

Aprender a ser mais cooperativa, a ver as necessidades do outro e a transitar no mundo a partir das regras grupais é parte da importante aprendizagem do período escolar. Quando a criança evita a socialização, tende a sofrer algum tipo de reação do grupo de colegas. O ambiente escolar é uma representação do mundo, com suas crueldades e generosidades (REICHERT, 2008, p. 253)

As vítimas de *bullying* demonstram continuamente várias disfunções que têm sido às vezes deixadas de lado pelas pessoas adultas. Quando são notados os sinais e procura-se ajuda, a situação pode se tornar diferente. Contudo, alguns tipos de reações ocorrem nesse contexto, como, por exemplo, a família pode achar que é besteira, e que a criança tem que aprender a se defender sozinha; em outras ocasiões, a família entende a gravidade do caso e procura ajuda na escola, porém nem sempre o colégio está pronto para atender a essa demanda. O *bullying* provoca muitas reações e situações imprevisíveis. O que é previsível e assustador é o poder de destruição que essa rotina escolar norteador de frustração ocasiona nos indivíduos envolvidos.

Entre as variadas formas como a violência se mostra, uma em particular se destaca, aquela que é praticada dentro das escolas entre educandos e educadores, que deixa marcas negativas em suas vidas, conseqüentemente, rompe a integridade do colégio, bloqueia as relações interpessoais e as relações de ensino-aprendizagem.

O medo constante e repetitivo bloqueia a agressividade e o bom funcionamento mental, prejudicando as funções de raciocínio, abstração, interesse por si mesmo e pelo aprendizado, além de estender-se a outras faculdades mentais ligadas à autopercepção, concentração, autoestima e capacidade de interiorização (FANTE, 2005, p. 24).

É essencial que a família conheça o problema e intervenha imediatamente. A sua participação é muito importante, considerando que ela tem um papel fundamental na formação da pessoa.

Constituída com base nas relações de parentesco cultural e historicamente determinadas, a família inclui-se entre as instituições sociais básicas. Com o desenvolvimento das ciências sociais, ampla biografia internacional tem analisado suas diversas configurações e destacado sua centralidade conforme a reprodução demográfica e social. A família é apontada como elemento-chave não apenas para a “sobrevivência” dos indivíduos, mas também para a proteção e a socialização de seus componentes, transmissão do capital cultural, do capital econômico e da propriedade do grupo, bem como das relações de gênero e de solidariedade entre as gerações (CARVALHO; ALMEIDA, 2003, p. 51).

Dessa forma, se faz necessário ter uma articulação entre a família e o colégio para que juntos possam encarar e vencer o *bullying*, uma vez que sozinhos, os alunos ficarão presos ao problema, criando reações negativas para todos. As vítimas têm sua autoestima despedaçada e seus projetos ameaçados pela contínua vergonha sofrida, impedindo que a sua mente se abra para a aprendizagem, novas descobertas e conquistas. Os agressores ficam num equívoco que pode comprometer seu caráter e seus valores, afetando seu rendimento escolar, suas relações sociais, com fortes consequências para o futuro.

Verificar o que o *bullying* pode acarretar para o desempenho escolar dos alunos envolvidos, tanto para os agressores quanto para as vítimas, e averiguar os fatores que provocam o problema, é muito importante para criar novos acordos e oferecer outras possibilidades aos distintos atores da esfera escolar.

Fica demonstrado que o sistema escolar precisa se debruçar sobre esse tema e reconhecer que negligenciá-lo poderá contribuir para retardar ou mesmo impedir o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes. O Brasil possui uma das legislações mais avançadas na área da infância e da juventude. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1999), criado pela Lei 8069/90 assegura os direitos fundamentais desse segmento e afirma em seu Art. 5º:

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (ECA, Art. 5º). (CUNHA, 2011, p. 2).

Para a especialista Beatriz Pereira, docente do Instituto de Educação da Universidade do Minho, é essencial que se tome algumas medidas:

Promover mais espaços de recreação para as crianças, evitar a suspensão ou exclusão dos alunos prevaricadores, conceder apoio social e acompanhamento médico às crianças e famílias mais necessitadas e dotar as escolas e os pais de conhecimentos e autoridade para enfrentar estes problemas são algumas das sugestões para combater o *bullying* (PEREIRA, 2010, p. 7).

Entretanto, a problemática é muito complexa e requer um forte envolvimento de todos os envolvidos nesse processo. Deve-se pensar em todos os fatores e achar caminhos para auxiliar os atores envolvidos no *bullying*, que não é tarefa simples. Cunha (2011, p. 3) salienta que vale questionar:

- As crianças envolvidas com *bullying* apresentam uma queda no desempenho escolar?
- Existem indicadores que comprovem uma queda nesse desempenho, após a ocorrência constante de *bullying*?
- O sistema escolar tem apresentado uma resposta especializada para reverter essa situação?
- Como as famílias dos alunos envolvidos têm reagido ao *bullying*?
- Quem são os *bullies*?
- Como estão envolvidos no processo de aprendizagem?
- Como poderemos ajudá-los?
- Os reflexos do *bullying* no desempenho escolar variam de acordo com a classe social em que os alunos estão inseridos?

Assim sendo, as questões mencionadas acima serviram como base para as entrevistas dos orientadores educacionais das escolas pesquisadas.

3.4 Ciberespaço

A invenção do termo ciberespaço, do inglês *cyberspace*, é creditada ao escritor de ficção científica William Gibson, ao apresentar o termo em seu conto intitulado *Burning Chrome*. Uma palavra que poderia significar infelicidade e tristeza se permanecesse ligada ao desespero e à visão distópica do futuro próximo, encontrado no romance *Neuromancer* de 1984, e às visões de hegemonia corporativa, decadência urbana, implantes neurais, de uma vida de paranoia e dor encontradas no livro *Count Zero* de 1987, ambos de William Gibson.

Hoje a palavra ciberespaço está associada à uma nova etapa, um desenvolvimento novo e inelutável na elaboração da cultura humana e de negócios sob a marca da tecnologia.

Ciberespaço, segundo Benedikt (1991), significa um novo universo, ou seja, um universo paralelo criado e sustentado por computadores mundiais e linhas de comunicação. Um universo de informações, sons, imagens, entretenimento, um universo sem limites, que pode ser acessado através de um computador ou dispositivo eletrônico em casa, em um escritório, em sala de aula e até mesmo na rua.

Para Vande (1998), o ciberespaço é um espaço virtual, como um estado de espírito, um lugar ao mesmo tempo real e artificial, e, portanto, por definição, não um local físico. Ele pode ser facilmente comparado a um estado de transe quando os seres humanos estão inseridos e absorvidos em comunicação visual ou verbal, como leitura, escrita, observação e análise de imagens, como assistir a vídeos ou arte, ou ouvir com atenção a música ou a fala. Dessa forma, o ciberespaço pode ser considerado como um conversor digital.

Lévy (1999) define o ciberespaço como sendo o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa conceituação se refere à série de sistemas de comunicação eletrônicos (aí estão inclusos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações decorrentes de fontes digitais ou associadas à digitalização.

Esse espaço definido por Lévy possibilita novas formas de comunicação e interação como por exemplo, o correio eletrônico, mais comumente chamado de e-mail; conferências eletrônicas; e talvez a principal função que é o acesso a distância e transferências de arquivos. É possível a partir de um computador acessar remotamente outra máquina localizada a quilômetros de distância e, a partir desse acesso, obter informações armazenadas no banco de dados deste computador, ou ainda executar cálculos em uma máquina remota mais potente do que os computadores pessoais. De maneira geral basta que estes recursos estejam disponíveis em algum lugar do ciberespaço.

São as redes de computadores e dados que permitem que essas novas formas de comunicação e interação aconteçam. E nessas redes a Internet ganha seu destaque. Desde seu processo embrionário com redes como a Arpanet, o que se observa é tentativa de se criar um espaço de compartilhamento de informações e recursos computacionais. Esse espaço foi tomando forma à medida que novas tecnologias eram desenvolvidas e novos protocolos de tráfego de dados eram colocados em prática. A World Wide Web (WWW) surge com seu padrão de criação de documentos hipermídia que podem ser acessados pela Internet. Os documentos com links, imagens, sons, vídeos e animações se proliferam rapidamente formando um mundo complexo, imerso em um volume inadministrável de informações, o ciberespaço.

Autores como Souza (2004) e Castells (1999), apontam para o surgimento de um novo ambiente possibilitado pelas diversas formas de comunicação no ciberespaço, as chamadas cidades digitais ou telecidades. Para estes autores o ciberespaço nos remete à uma outra forma de produção cultural onde a referência a um lugar desaparece e diante disso um novo processo de conceituação de território emerge. Para Castells (1999), a ausência de fronteiras no ciberespaço faz com que diversas pessoas se identifiquem com a rede, passando a ter uma relação afetiva com o espaço virtual que não deixa de ser uma forma de territorialização.

O ciberespaço não apresenta somente vantagens em relação às formas de comunicação, compartilhamento e interação. Segundo Souza (2004), o grande volume de informações no ciberespaço torna-se um problema na medida que se despende-se um tempo muito maior de trabalho, estudo e pesquisa em rede.

Nejm (2010) aponta a necessidade de olhar a Internet muito além da rede de computadores, é preciso olhar para a noção de espaço público, ciberespaço, que as pessoas estão frequentando ao utilizar essas novas tecnologias em rede. Uma criança online está frequentando uma praça pública online. Dentro da sua casa, trancada no em seu quarto, supostamente em um lugar seguro, a criança está frequentando uma praça pública com aproximadamente 2 bilhões de pessoas e que a cada segundo aumenta alguns milhares. O ciberespaço exige um olhar para as tecnologias que traz à tona desafios antigos como a formação de pessoas com comportamentos éticos, comportamentos de respeito.

Em relação ao *bullying* que acontece nesse espaço de comunicação, percebe-se que não é mais possível separar o mundo real e o virtual. A agressão ocorre através do meio virtual, que significa uma ofensa real, verdadeira, não só porque pode começar no mundo real, isto é, a internet é um espaço intermediário entre os indivíduos reais, mas também porque seu conteúdo representa os fatos que acontecem na vida real.

3.5 Cyberbullying

Tendo discutido os conceitos de *bullying* e cyberespaço, fica mais claro compreender o termo *cyberbullying*, isto é, a ocorrência de *bullying* no *cyberbullying*.

Com a chegada e o crescimento acelerado da tecnologia, surgiu uma nova forma de intimidação, que ultrapassou o aspecto físico presencial – o *cyberbullying* – uma forma dissimulada de *bullying*, em que as agressões são virtuais. É caracterizado por agressões, insultos, difamações, maus tratos intencionais, contra um indivíduo ou mais, utilizando, para isso, os meios tecnológicos. Avilés (2009, p. 80) o define como uma forma de “assédio entre iguais através do celular e da internet”, em que as agressões são feitas através das novas tecnologias de informação e comunicação, em espaços virtuais.

Identifica-se o *bullying* em três grandes tipos. baseando-se no estudo teórico de produções na área, o que se chama por *bullying* é dividido da seguinte maneira: diretos e físicos, que inclui agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, ou a ameaça desses itens; diretos e verbais, que incluem insultar, apelidar, "tirar sarro", fazer comentários racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro; e indiretos que incluem a exclusão sistemática de uma pessoa, realização de fofocas e boatos, ameaçar de exclusão do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento, ou, de forma geral, manipular a vida social do colega (MARTINS, 2005, p. 17).

Lopes Neto (2005) enfatiza a utilização das novas tecnologias para um novo modo de intimidação: o *cyberbullying*, que, na verdade, é a utilização da tecnologia da comunicação para a realização desta violência.

O *cyberbullying* apresenta particularidades que o diferem de agressões presenciais e diretas e o torna um fenômeno que parece ainda mais cruel, pois, diferentemente do assédio presencial, não há necessidade das agressões se repetirem. O assédio se abre a mais pessoas rapidamente devido à velocidade de propagação de informações nos meios virtuais, invadindo os âmbitos de privacidade e segurança.

Mason (2008) aponta que, a cada dez adolescentes, oito usam a internet em casa, o que significa que o praticante do *cyberbullying* pode agredir sua vítima quando não está na escola ou nas proximidades dela e, portanto, o lar pode não ser mais um refúgio seguro e os agressores não precisam mais de um local físico para molestar a vítima. Pode-se dizer que o *bullying* digitalizado é extensão do pátio da escola – as agressões podem continuar por longas horas depois do horário escolar. No entanto, para algumas vítimas, a internet pode ser um lugar de vingança, onde podem, também elas, ameaçar e intimidar os outros para compensar o fato de terem sido agredidos pessoalmente (AZEVEDO *et al*, 2012). A internet abrange, ainda, um número muito maior de espectadores que podem fazer um pré-julgamento dos envolvidos.

Os autores intimidam suas vítimas por meio de dois principais instrumentos: computadores e telefones celulares. Por meio da internet, agressores podem enviar mensagens abusivas, obscenas ou difamadoras via *e-mail*, em *sites* de relacionamento (como *Orkut*, *Facebook*, *Twitter*) ou utilizando-se de programas de mensagens instantâneas (como *MSN* e *Google Talk*). De acordo com Mason (2008), há também a promoção de sites pessoais ou blogs que disseminam conteúdo difamatório. Mensagens agressivas e fotos podem também ser enviadas através de telefone celular.

Santomauro (2010) afirma em sua pesquisa, baseado na Fundação Telefônica do Estado de São Paulo, que, em 2008, 68% dos adolescentes ficaram *online* pelo menos uma hora por dia durante a semana; outro levantamento recente, feito pela *ComScore*, empresa de análise de internet, revela que os jovens com mais de 15 anos acessam os *blogs* e as redes sociais 46,7 vezes ao mês. Os dados demonstram que os adolescentes, quando estão em casa, passam muito tempo conectados à rede mundial de computadores; a maior parte se relacionando com

outros sujeitos a partir de *sites* e programas de conversas instantâneas (ZAMBONI; BOZZA, 2010).

Em tempos atuais, é comum o jovem possuir um ou mais telefones celulares e ter acesso ilimitado e sem controle à internet. Portanto, indivíduos com intenções perniciosas encontram grande facilidade de ameaçar ou insultar seus alvos. Mesmo que lhes falte a intenção maledicente, há ainda uma tendência de “tornar normal” ou naturalizar essas formas de abuso, uma espécie de “desengajamento moral” em que meninos e meninas, heterônimos, acabam por justificar suas ações com “todo mundo faz” ou pela “moda” ou, portanto, para “pertencer” à classe daqueles que estão “antenados” nos *blogs*, ou quaisquer outras formas de veiculação de suas intimidades ou de outrem.

O *bullying* digitalizado é uma manifestação violenta grave que não pode ser tolerada, precisa ser pesquisado e divulgado, já que pode ocorrer de maneira anônima no “mundo virtual” de crianças e jovens. O praticante do *cyberbullying* esconde-se, facilmente, sob uma identidade alternativa, virtual, fazendo com que se sinta seguro para praticar a violência sem sofrer reprimendas.

Segundo Prados (2006), a internet, de certa forma, desperta em alguns jovens o sentimento de que não existem normas, regras e nem moralidade que regule a vida na rede, de maneira que pode ser usada para o bem ou para o mal. Além de distanciar a vítima do agressor (seguro por não estar cara a cara com o alvo), ainda traz consequências terríveis a quem sofre as agressões. O mesmo autor diz que, embora se pareça com as consequências do *bullying*, os danos causados às vítimas de *cyberbullying* são ainda maiores, pois a internet garante o anonimato daquele que agride, o que dificulta os mecanismos de respostas e proteção a esse tipo de humilhações.

Nos últimos anos, novas formas de agressão com base em tecnologias de informação e comunicação (computadores, celulares, entre outros) foram adicionadas à tradicional forma de violência. Neste contexto, *cyberbullying* foi definido como um comportamento agressivo e intencional que é frequentemente repetida ao longo do tempo, realizado por um grupo ou um indivíduo usando eletrônica e destinada a uma vítima, que não pode defendê-lo ou sua auto facilmente (SMITH, 2006).

Esses comportamentos violentos podem ser feitos por meio de um telefone celular, correio eletrônico, bate-papos virtuais e *sites* como *MySpace*, *Facebook* e *blogs* pessoais.

Embora, em muitos casos, o *cyberbullying* implica em atos de agressão tradicional (por exemplo, insultos, boatos, ou ameaçadores), que são comunicadas por via eletrônica em vez de face-a-face, o *cyberbullying* também pode incluir comportamentos exclusivos sem análogo no tradicional *bullying*. Por exemplo, o fenômeno conhecido como bombardeio ocorre quando o agressor usa um programa automático para insultar a vítima através de recursos virtuais com milhares de mensagens simultâneas, causando o bloqueio da conta de *e-mail* da vítima (BURGESS-PROCTOR; PATCHIN; HINDUJA, 2008).

4. METODOLOGIA

O método adotado neste trabalho é o estudo descritivo e exploratório, a partir de uma abordagem qualitativa e quantitativa. Trata-se de pesquisa estratégica que, conforme Minayo (1991) se fundamentam nas teorias das ciências sociais, mas têm como principal objetivo esclarecer determinados aspectos da realidade para a ação das políticas públicas. Seus instrumentos são frequentemente interdisciplinares e seus resultados se encaminham para a solução de problemas.

Este estudo baseia-se na observação e análise de fatos que serão manipulados para distinguir com precisão a frequência com que os dados ocorrem, assim como a sua origem e suas características.

Segundo Oliveira (2000), a pesquisa descritiva possibilita o desenvolvimento de um nível de análise em que se permite identificar as diferentes formas dos fenômenos, sua ordenação e classificação.

Dessa forma, o objetivo do trabalho é tornar uma maior familiaridade com o problema, através de levantamento bibliográfico, questionários, análises estatísticas e entrevistas com os orientadores educacionais.

4.1 Campo de estudo

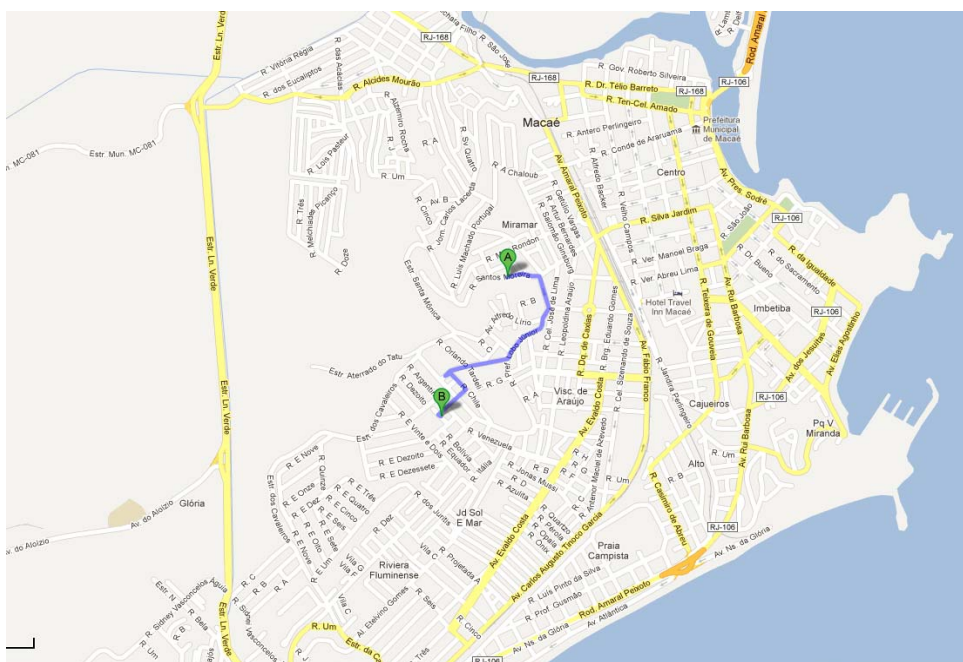
Foram analisadas duas escolas, uma particular e outra pública, ambas da Educação Básica do ensino fundamental II do município de Macaé/RJ, que somam 2.076 alunos matriculados. Para maior entendimento e com o intuito de conservar o anonimato, os estabelecimentos foram denominados como Escola A e Escola B.

A escolha das escolas foi feita com base nos seguintes critérios:

- Ser uma particular e outra pública;
- Estar no mesmo bairro (figura 7);
- Possuir quantidade semelhante de alunos; e

- Possuir laboratórios de informática.

Figura 8: Distância entre as escolas A e B que se localizam no mesmo bairro



Fonte: <http://www.google_maps.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2012

Como pode ser observado as escolas pesquisadas estão situadas no mesmo bairro, Visconde de Araújo, na cidade de Macaé-RJ, cuja distância está sendo demonstrada na figura 7. A cidade de Macaé (www.macaerj.gov.br), fundada em 29 de julho de 1813, tem uma área de aproximadamente 1.216,845 km², e uma população de 206.728 habitantes (IBGE, 2010).

Com uma economia que cresceu 600%, nos últimos dez anos – mais do que a da China –, Macaé é uma cidade em constante evolução. Por conta do desenvolvimento da indústria do petróleo e gás, especialmente a partir da quebra do monopólio estatal, em 1997, a cidade hoje é bem diferente da vila de pescadores da década de 1970.

O desenvolvimento de Macaé ocorre, de acordo com a pesquisa da Firjan, nas esferas de educação, saúde e trabalho e renda. A região Norte Fluminense representou, em 2006, segundo fontes da Fundação Cide, 48,4% do Produto Interno Bruto (PIB) industrial do Estado do Rio de Janeiro. Além disso, nessa região, de

acordo com dados fornecidos pelo IBGE, aconteceram 44,3% do número de empregos com carteira assinada na indústria fluminense (www.macaе.rj.gov.br).

A Educação Básica em Macaé segue a normatização nacional, sendo dividida em: Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, com duração de 9 (nove) anos, é organizado e tratado em duas fases: a dos 5 (cinco) anos iniciais e a dos 4 (quatro) anos finais.

Cabe ressaltar que, o segmento citado acima será alvo da pesquisa exploratória.

4.2 Sujeitos da pesquisa

Nas duas escolas, foram analisados grupos de alunos do nono ano do ensino fundamental II.

A Escola A, privada, é de classe média alta, presente no município de Macaé, desde 11 de agosto de 1961. O estabelecimento possui 1010 alunos divididos entre seus segmentos, conforme mostra a tabela 1. O segmento alvo de estudo deste trabalho foi o Fundamental II (9º ano) que corresponde a 74 alunos divididos em duas turmas.

Tabela 1 – Número de alunos por segmento da Escola A

Segmento	Número de Alunos
Ensino Infantil	170
Ensino Fundamental I	323
Ensino Fundamental II	303
Ensino Médio	214
Total de Alunos	1010

Fonte: dados fornecidos pela Escola A

Já a Escola B, da rede pública e municipalizada há 10 anos, possui 1066 alunos divididos entre seus segmentos, conforme mostra a tabela 2. O grupo de 9º ano pesquisado corresponde a 82 alunos divididos em três turmas.

Tabela 2 – Número de alunos por segmento da Escola B

Segmento	Número de Alunos
Ensino Infantil	104
Ensino Fundamental I	453
Ensino Fundamental II	423
Educação de Jovens e Adultos EJA	86
Total de Alunos	1066

Fonte: dados fornecidos pela Escola B.

4.2.1 Caracterização das escolas

4.2.1.1 Abordagem geral do Projeto Político Pedagógico da Escola A

Escola A é um estabelecimento de ensino que age conforme os princípios da Constituição Nacional, os da Igreja Católica e os da Pedagogia de Dom Bosco, sem fins lucrativos, de caráter beneficente, educativo, cultural e assistencial, sem discriminação religiosa, política, racial ou ideológica.

A Escola A foi autorizada para funcionar com:

- Educação Infantil que objetiva a integração social e o desenvolvimento psicomotor da criança;
- Ensino Fundamental e Ensino Médio, que objetivam o desenvolvimento de todas as dimensões do ser-pessoa buscando a construção da própria autonomia o exercício consciente da cidadania;
- Educação Profissional Técnica de Nível Médio, nas modalidades concomitante e subsequente, que objetiva garantir ao cidadão o direito permanente para a vida produtiva e social.

Integrando o currículo da Escola A, a orientação para o trabalho tem por objetivo conduzir o aluno a considerar que este é importante para sua formação

integral, aconselhando-o vocacionalmente e oferecendo-lhe acesso a informações profissionais. Inspira a educação que desenvolve nos princípios estruturadores da Educação Nacional: cidadania, participação, democracia, liberdade, solidariedade humana, vinculação com o trabalho e práticas sociais, reconhecimento da experiência extraescolar, e tem por fim a formação de cidadãos.

Por meio do trabalho consciente que une currículo e ética, que procura pensar nas dimensões humanas e plurais, despertando no jovem a sensibilidade para atender à necessidade de pensar a justiça, a igualdade, a liberdade, a humanidade, a solidariedade, valores universais que levam ao diálogo, que buscam a dignidade humana, assim a escola A apresenta os seguintes objetivos:

- Desenvolver no aluno a capacidade de adquirir os conhecimentos já elaborados pela cultura e pela ciência, isto é, ter condições de acessar, selecionar e organizar esse conhecimento;
- Desenvolver a capacidade de produzir conhecimentos a partir de aproximações cada vez mais intensas com as informações específicas das diferentes áreas de ensino;
- Desenvolver a autonomia em relação à produção e aquisição de conhecimento a partir do exercício sistemático da meta-cognição, levando-o a aprender a aprender.

4.2.1.2 Abordagem geral do Projeto Político Pedagógico da Escola B

A escola B é uma instituição do que age, conforme o Projeto Político Pedagógico de Educação de Macaé, já que a mesma é pública e tem a missão de oferecer uma educação de qualidade, emancipadora e inclusiva, com foco no desenvolvimento dos alunos.

A Unidade escolar é reconhecida pela qualidade do ensino que ministra pelo atendimento incondicional ao aluno, pela união e criatividade da equipe, pela valorização e integração dos saberes e da cultura da comunidade no processo educativo. Tem como metas promover integração entre pais, alunos e comunidade, com ênfase nas atividades desenvolvidas pelo Colegiado; oportunizar aos

responsáveis reflexões acerca do desenvolvimento educacional do aluno e, assim, estimular a participação da comunidade, tendo como objetivos:

- Colaborar no desenvolvimento e formação de cidadãos conscientes, críticos, democráticos, responsáveis e participativos;
- Promover uma pedagogia que viabilize o desenvolvimento pessoal, social, econômico e político, mediante conhecimentos significativos;
- Estimular à reflexão de hábitos e atitudes em relação aos outros, considerando o respeito às diferenças;
- Despertar para necessidade de reorganização de uma sociedade em constante mudança;
- Incentivar o aluno a participar do processo de aprendizagem como agente protagonista;
- Oferecer práticas pedagógicas fundamentadas nos códigos da modernidade, que listam capacidades e competências para participação produtiva no século XXI;
- Estimular à reflexão de hábitos e atitudes em relação aos outros, considerando o respeito às diferenças;
- Despertar para necessidade de reorganização de uma sociedade em constante mudança;
- Incentivar o aluno a participar do processo de aprendizagem como agente protagonista; e
- Oferecer práticas pedagógicas fundamentadas nos códigos da modernidade, que listam capacidades e competências para participação produtiva no século XXI.

Tendo em vista as características das escolas A e B, pode-se notar que mesmo sendo de iniciativas distintas, elas possuem as mesmas características quanto ao desenvolvimento pessoal e o processo de aprendizagem como agente protagonista, sendo ambas alvo de estudo para a coleta e análise dos dados.

4.3 Instrumento de coleta e de análise dos dados

A coleta de dados ocorreu no período de agosto a outubro de 2012, nas próprias escolas, atendendo às disponibilidades de horários dos sujeitos, conforme item 3.2.

Como instrumento de coleta de dados, optou-se por utilizar os escritos do referencial teórico. Buscou-se, por meio das análises dos questionários aplicados (vide Apêndice D) aos alunos dos 9º anos das escolas em estudo, verificou-se a origem e a evolução da prática do *bullying* e suas inter-relações com a rede social no âmbito escolar. O questionário foi construído utilizando a ferramenta formulário do *Google Docs* (www.docs.google.com). A observação realizou-se com intenção de perceber se as respostas destas tinham coerência com a prática, através dos meios de levantamento de dados estatísticos. Posteriormente, foi realizada a análise das informações, à luz do referencial teórico, juntamente com uma entrevista realizada com os orientadores educacionais das escolas pesquisadas.

Este estudo foi fundamentado em uma abordagem dialética, para comparar as escolas A e B, o sujeito (alunos) e o objeto (questionários) existente que se pode analisar, investigar e questionar.

4.4 Questões éticas

Trata-se de um estudo descritivo, quantitativo, qualitativo, transversal e correlacional. Este trabalho é intitulado como “*bullying*: as potencializações das redes sociais digitais no âmbito escolar”, vinculado à linha de pesquisa “Pesquisas Interdisciplinares em Comunicação, Educação e Novas Tecnologias da Informação”, Mestrado em Cognição e Linguagem, na Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF. A amostra foi escolhida de acordo com os critérios já mencionados, realizando-se inicialmente contato com a direção e orientação educacional das escolas, sendo expostos os objetivos da pesquisa.

Obteve-se, então, o consentimento livre e esclarecido dos próprios participantes, conforme orientações éticas para pesquisas com seres humanos.

Foi garantido aos participantes o sigilo e a confidencialidade dos dados. A aplicação dos instrumentos foi realizada de forma coletiva, em sala de informática, em dias e horários previamente combinados com os professores, a fim de não alterar a rotina escolar. A coleta de dados para o presente trabalho ocorreu nos meses de agosto a outubro de 2012. A pesquisadora deu instruções padronizadas aos participantes, conforme previsto para aplicação dos instrumentos.

4.5 Caracterização dos sujeitos

Esta pesquisa desenvolveu-se dentro de uma perspectiva qualitativa para melhor análise do problema, sem negar as questões quantitativas. A abordagem qualitativa se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não é necessário ser quantificado, ou seja:

Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p.21)

Considera-se o fato de o cenário das escolas pesquisadas ser composto por uma complexa pluralidade, tanto no que diz respeito a seus perfis, assim como em suas funções inerentes ou não no processo da pesquisa do *bullying* no âmbito escolar.

Desse modo, o recorte foi composto por dois gestores que participaram do estudo, apenas um é do sexo masculino. A idade dos mesmos encontra-se na faixa de 32 a 53 anos. Conforme o artigo 64 da LDB (BRASIL, 1996), a formação de profissionais de educação para a administração, o planejamento, a inspeção, a supervisão e a orientação educacional para a educação básica deve ser feita em cursos de graduação em Pedagogia ou em nível de Pós-Graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nessa formação, a base comum nacional. Os

gestores apresentam graduação em Pedagogia no mínimo há quatro anos e, no máximo, há 24 anos, bem como a titulação de supervisores e orientadores.

Da amostra inicial de cento e cinquenta e seis alunos das duas escolas, participaram do estudo apenas cento e trinta e nove alunos. A diferença é explicada pela ausência de dezessete alunos dos dias de aplicação dos questionários.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta parte são apresentados e discutidos os dados obtidos por meio de questionários aplicados aos alunos das redes públicas e privadas, da cidade de Macaé/RJ. Estes dados foram analisados quantitativamente através de estudos estatísticos e análises qualitativas por meio de referenciais teóricos.

- **Representação dos dados obtidos a partir da aplicação do questionário**

Com os questionários aplicados (apêndice) aos alunos dos 9º anos, período diurno, do ensino fundamental II, obteve-se um total de 139 alunos, sendo 63 da escola privada e 76 da escola pública. A divergência em relação ao total de alunos apresentados na seção 4.2 se deve ao fato que na aplicação dos questionários estavam ausentes 17 (dezessete) alunos, totalizando assim uma amostra de 139 alunos pesquisados.

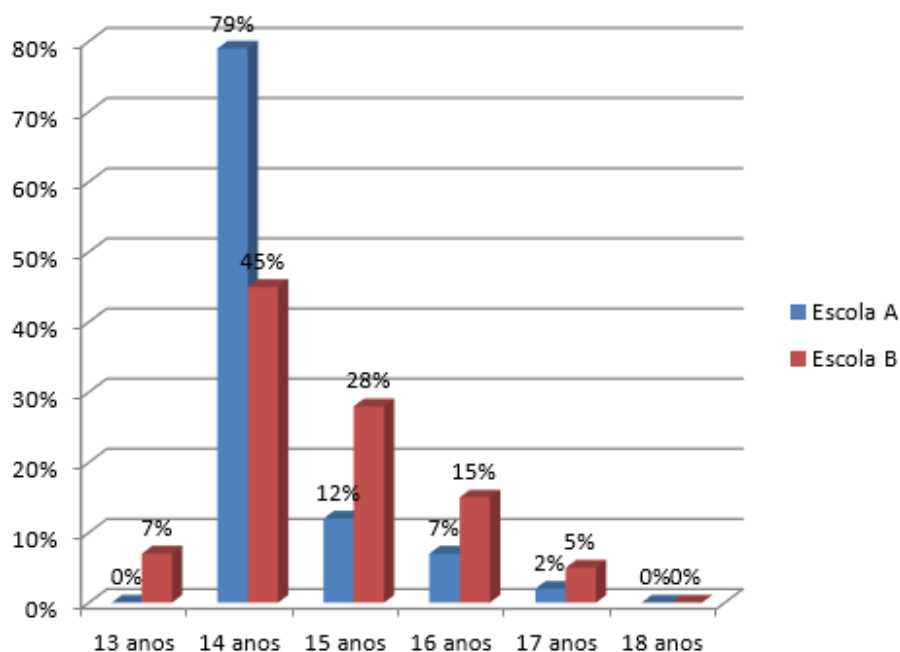
O gráfico 1 mostra a quantidade dos alunos da rede pública e privada, caracterizadas pelas suas respectivas idades.

Como pode ser observado, é evidenciado um nítido predomínio de estudantes com a idade 14 anos das duas escolas, tendo a escola A, 79% dos alunos nesta idade. Conforme uma pesquisa feita pela Associação Brasileira Multiprofissional à Infância e à Adolescência - ABRAPIA (2008), a escola é ambiente de grande incidência do *bullying* entre alunos de 7 a 16 anos, justificando assim a porcentagem obtida dos alunos analisados. Assim, de acordo com a pesquisa realizada pela Plan Brasil¹ em 2009 (FANTE, 2010), a idade dos alunos em que se observa a maior incidência de *bullying* é na faixa de 11 a 15 anos de idade, que se encontra

¹ A Plan Brasil é uma organização não-governamental de origem inglesa, ativa há mais de 70 anos. Sem qualquer vinculação política ou religiosa e sem fins lucrativos, está voltada para a defesa dos direitos da infância, conforme expressos na Convenção dos Direitos da Criança, da Organização das Nações Unidas. Trabalha por sua proteção contra a violência e abusos de todo tipo, contra a pobreza, a desigualdade e a degradação do meio ambiente e por sua boa alimentação, saúde e educação. Site: <http://www.plan.org.br>

matriculado no ensino fundamental II da Educação Básica, confirmando assim o resultado obtido.

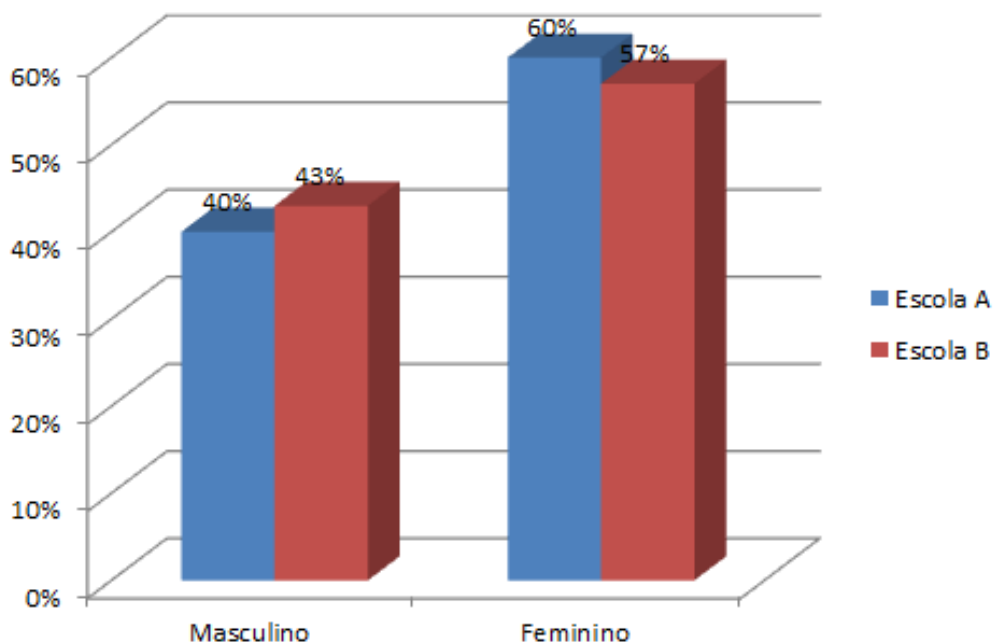
Gráfico 1: Distribuição das quantidades de alunos entre 13 a 18 anos das escolas A (privada) e B (pública), no Município de Macaé/RJ.



De acordo com Neto (2005), entre os agressores desta prática, há um predomínio do sexo masculino, enquanto que, no papel da vítima, não há diferença entre os gêneros. O fato de os meninos envolverem-se em atos de *bullying* mais comumente não indica necessariamente que sejam mais agressivos, mas sim que têm a maior possibilidade de adotar esse tipo de comportamento. Já a dificuldade em identificar-se o *bullying* entre as meninas pode estar relacionada ao uso de formas mais sutis.

Segundo Fante (2005) uma tendência mundial indica que o *bullying*, anteriormente, sempre associado ao comportamento masculino, vem ganhando cada vez mais espaço entre as meninas. Isso se justifica em razão de que as meninas estão copiando as condutas agressivas dos meninos, inclusive fazendo uso de maus-tratos físicos como forma de demonstrar poder em seus grupos sociais, principalmente na escola.

Gráfico 2: Maior índice de agressores entre os gêneros.



Porém, como pode ser observado no gráfico 2, o maior número de agressores é do sexo feminino, sendo 60% das distribuições de agressores do gênero feminino e 43% do gênero masculino, sendo justificado pela tendência mundial, como foi proposto por Fante (2005).

- **Incidência da prática de agressões (*bullying*) nas escolas**

Fundamentada em dados teóricos e qualitativos o comportamento agressivo entre os alunos nas escolas pode ser oriundo de vários fatores tais como base familiar, questão social, aparência física, relações interpessoais, modo de defesa a determinados tipos de atitudes de coação, entre outros.

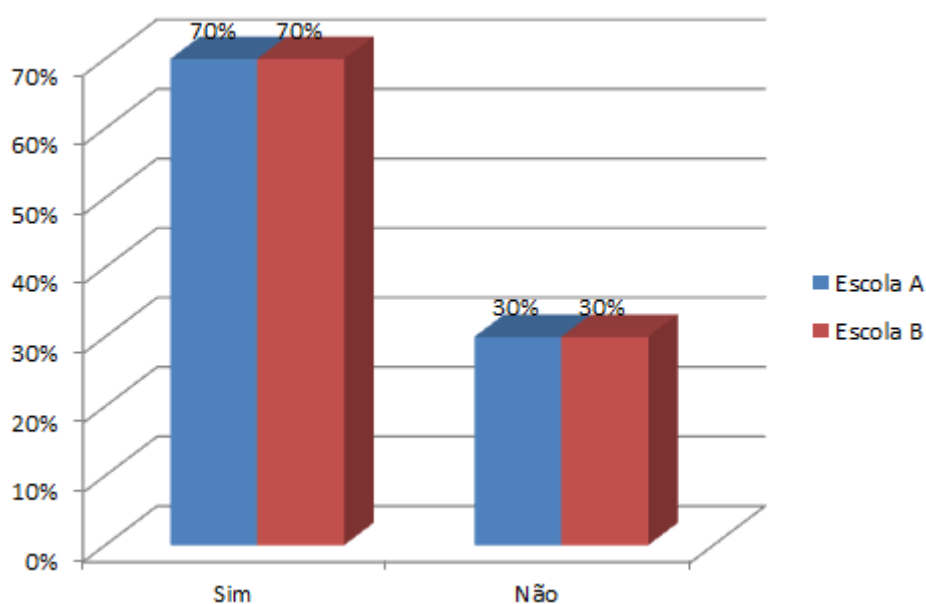
Fante (2005) associa esses tipos de comportamento à carência afetiva, à ausência de limites e ao modo de afirmação do poder dos pais sobre os filhos, por

meio de “práticas educativas” que incluem maus-tratos físicos e explosões emocionais violentas. Também, muitas vezes um aluno adere ao grupo de agressores ou se converte em agressor por pressão como estratégia de defesa ou para garantir uma certa popularidade.

Acredita-se que os elementos citados não podem generalizar esses tipos de comportamentos, visto que tais justificativas para as agressões no âmbito escolar são analisados de diferentes formas perante orientadores educacionais, professores, pais e alunos.

O que pode ser observado diante de uma fundamentação teórica juntamente com os dados obtidos no gráfico 3, é que as possíveis causas das agressões no âmbito escolar apresenta uma justificativa que independe da classe social.

Gráfico 3: Porcentagem de alunos que sofreram algum tipo de agressão na escola da rede pública(A) e privada (B)



A partir dos grupos estudados, foi identificado que as agressões são realizadas com um índice de 70% nas duas escolas analisadas, esses comportamentos são realizados pelo desejo de popularidade e necessidade de aceitação social. Trata-se de um problema mundial, encontrado em várias escolas, que vem aumentando largamente nos últimos anos.

Para Calhau (2009), vários tipos de agressões (*bullying*) podem ser manifestados em vários espaços de convivência social e entre várias relações estabelecidas, independente da condição financeira dos envolvidos, e pode causar problemas onde quer que aconteça.

Segundo Silva (2009), vários tipos de violências são vivenciados por todas as estratificações sociais sem exceções, aparecendo em escolas com diferentes níveis sociais, como um reflexo do que vem ocorrendo na sociedade. Para Freire (1988, p. 44) a reflexão sobre a prática é um momento fundamental, pois “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Práticas estas que não podem ser diagnosticadas pela diferença de classe social e sim como uma prática individual e coletiva que devem ser trabalhadas no âmbito escolar.

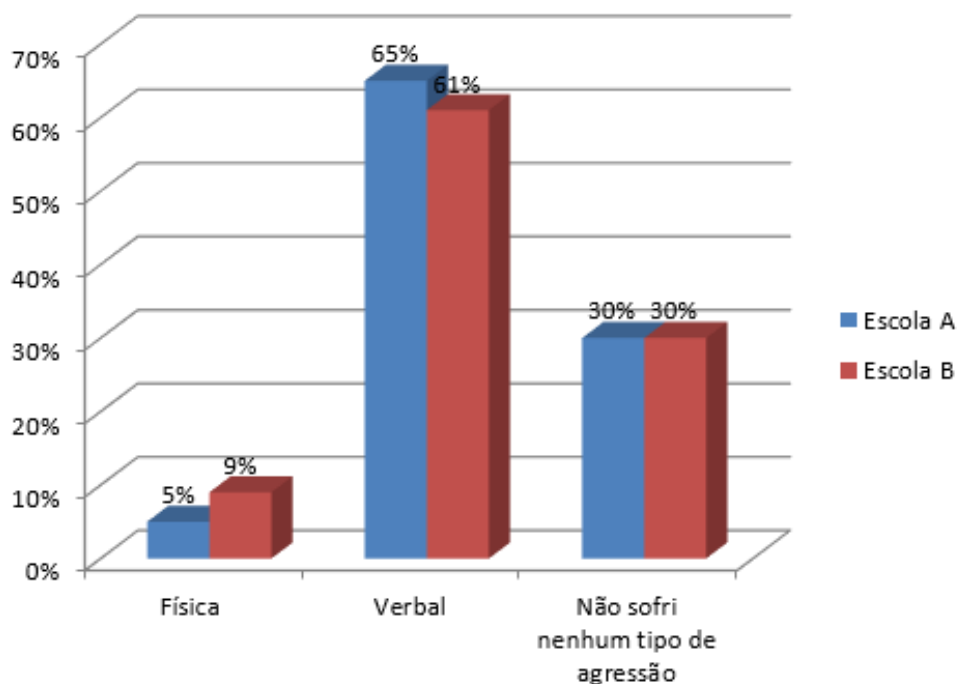
Com relação à forma de agressão e a frequência com o qual elas ocorrem, destacam-se as agressões físicas e verbais, que são as mais comuns no âmbito escolar. As condutas que mais se incidiram neste estudo foram as agressões verbais, tanto na escola pública (escola B) com 61%, quanto na privada (escola A) com 65%, como pode ser observado no gráfico 4. Esta é forma mais comum de *bullying*, e podem compreender gozações, apelidos cruéis, dentre outros. Silva (2010) pontua que a agressividade entre eles pode se manifestar das mais diversas formas, desde pequenos conflitos verbais entre indivíduos e/ou grupos até brigas físicas e violentas geradas pelas razões fúteis.

A porcentagem de 30% referente à resposta “Não sofri nenhum tipo de agressão”, diz respeito aos 30% de alunos que responderam que “Não” no Gráfico 3.

Guareschi & Silva (2008, p. 48), afirmam não haver, por vezes, um motivo evidente para a prática do *bullying*.

O desequilíbrio de poder ocorre porque a vítima não consegue se defender das agressões por diversas razões: ser menor em estatura, possuir menos força física, estar em minoria, apresentar poucas habilidades para se defender, possuir características físicas ou psicológicas que possam levar à discriminação, ou também possuir pouca flexibilidade de ação em relação ao agressor. Insultos, intimidações, gozações, apelidos cruéis e acusações injustas, além de danos físicos, morais e materiais, são alguns exemplos das manifestações características do *bullying*.

Gráfico 4: Porcentagem dos tipos de agressões sofridas

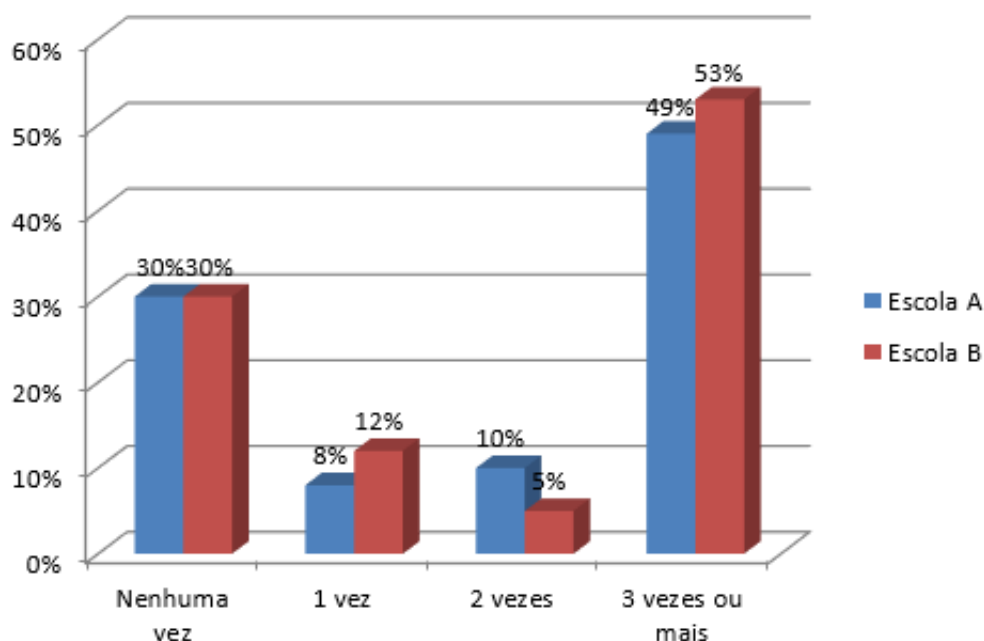


Em outras palavras, o *bullying* tem várias formas de acontecer. Muitas vezes pequenos apelidos, insultos passam ser um tipo de agressão que muitas vezes sofrida vão ter danos irreversíveis na vida.

As agressões tanto verbal quanto física para ser *bullying* não acontecem só uma vez, mas sim, repetidamente. Portanto, como diz Fante (2005), atos de *bullying* entre os alunos apresentam determinadas características comuns: são comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma mesma vítima; apresentam uma relação de desequilíbrio de poder.

Observa-se que a partir dos resultados do gráfico 5, tanto na escola privada (49%), quanto na escola pública (53%), a frequência de agressões sofridas foram de 3 vezes ou mais comprovando a repetição de comportamento violento.

Gráfico 5: Porcentagem de frequência com que ocorreu a agressão



Para isso acontecer temos alguns critérios estabelecidos como: “Ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ausência de motivos que justifiquem os ataques” (OLWEUS, apud, CALHAU 2009, p. 7). Diante dessa descrição, fica mais fácil identificar o *Bullying* no âmbito escolar, porque os alunos passam uma boa parte do seu tempo nesse ambiente.

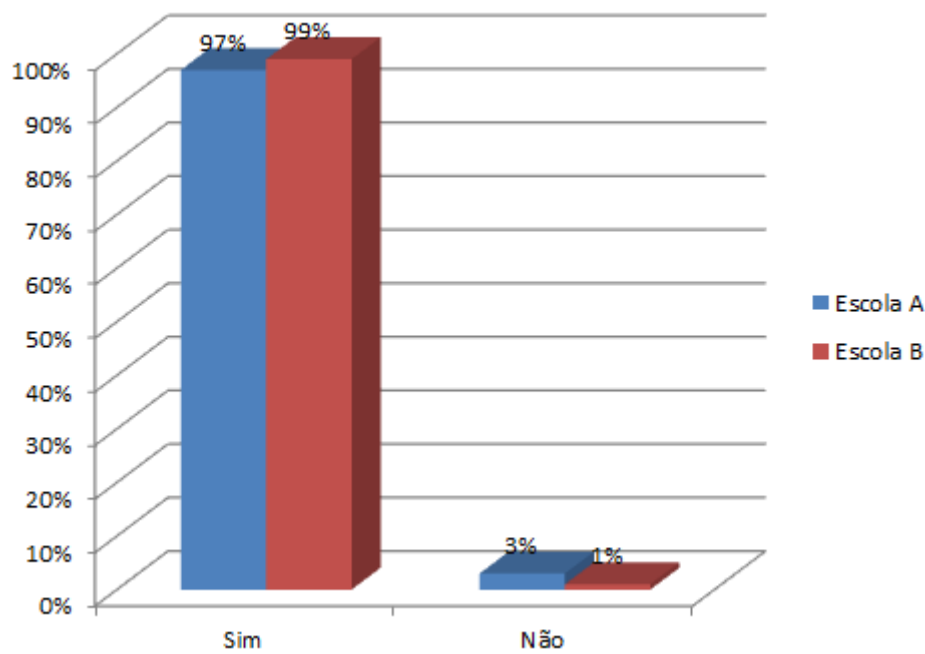
- **Aquisição do conhecimento sobre *bullying***

O termo *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas entre pares causando dor e angústia, que ocorrem dentro de relações desiguais de poder (FANTE, 2005). A partir da observação do gráfico 6 tanto na escola privada quanto na escola pública os alunos sabem o que é *bullying* ou pelo menos já ouviram sobre esse fenômeno.

Para Fante (2008), o termo *bullying*, refere-se a uma situação na qual um indivíduo ou um grupo de indivíduos atormenta, hostiliza ou molesta outro(s). “Pode

ser traduzido como tiranizar, oprimir, amedrontar, intimidar, humilhar”. (FANTE, 2008, p. 55).

Gráfico 6: Porcentagem de alunos que sabem o que é *bullying*



O *bullying* é uma realidade do cotidiano escolar e cabe à escola desempenhar um papel fundamental, no qual deve promover discussões a cerca do fenômeno, adotando uma postura responsável e preventiva.

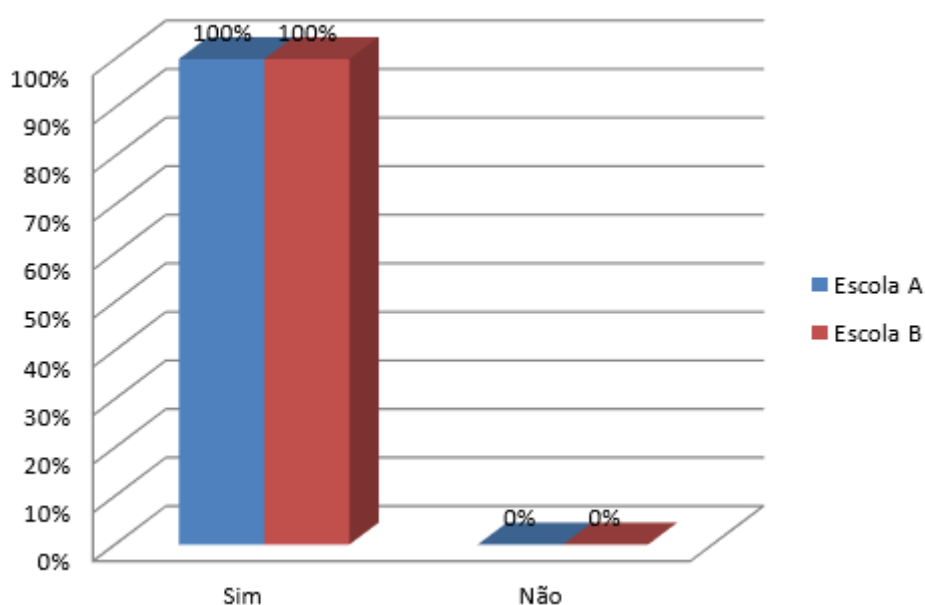
A violência possui várias representações além de haver sua incidência em diversos contextos. É nesse ponto que pode relacioná-la ao *bullying*, pois “nega a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito” (SPOSITO, 1998 *apud* GUARESCHI, 2008, p. 49).

A presença do fenômeno *Bullying* na realidade escolar é incontestável e não possui, aparentemente, fatores determinantes, ou seja, independe da localização da escola, tamanho, turno escolar, séries iniciais ou finais, ou mesmo escola pública ou privada. Ele é responsável pela criação de um ambiente no qual predomina é um clima tenso, de medo e de perplexidade por parte das vítimas e também dos espectadores que, indiretamente, se envolvem nesta prática social sem saber o que fazer (FANTE, 2005 *apud* GUARESCHI, 2008, p.50).

Com isso pode se observar no gráfico 7 que, tanto a escola privada quando a escola pública sabem sobre esse fenômeno e suas consequências e buscam adquirir habilidade para lidar de diferentes formas com esse fenômeno.

O fenômeno *bullying* é complexo e de difícil solução, portanto é preciso que o trabalho seja continuado. As ações são relativamente simples e de baixo custo, podendo ser incluídas no cotidiano das escolas (ELINOFF; CHAFOULEAS, SASSU, 2004).

Gráfico 7: Percentual de alunos que obtiveram informações na escola sobre *bullying*



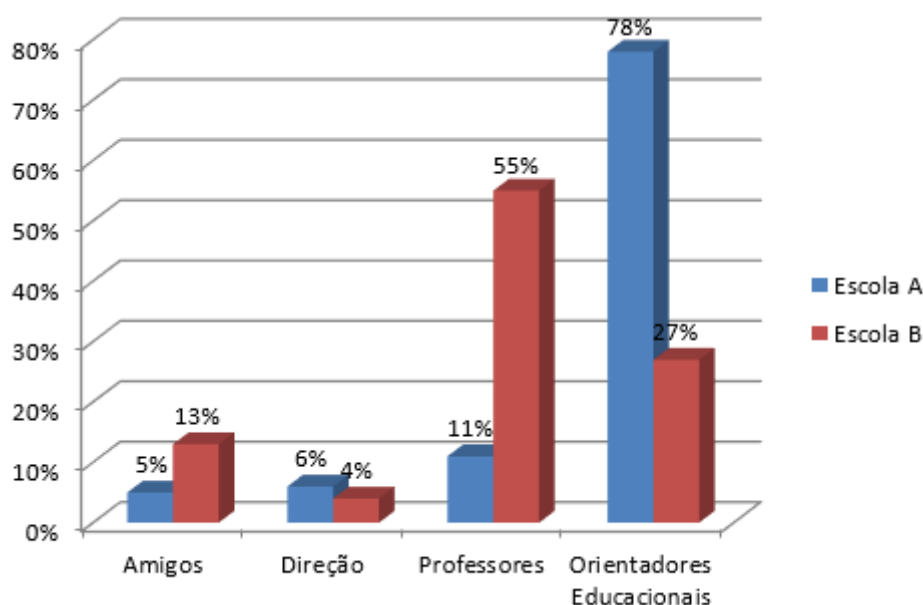
Mesmo com toda essa discussão sobre violência, agressão no âmbito escolar, precisa de mais gestores que estejam conscientizando e prevenindo o *bullying*. Pode identificar no gráfico 8, que na escola pública os alunos são pouco informados sobre o *bullying*. Suas porcentagens em comparação a escola privada é muito desigual. Pode observar que 55% que informam sobre o *bullying* na escola pública são os professores, e na escola privada 78% dessas informações são feitas pelos orientadores educacionais com trabalhos mais específicos.

Para Fante (2005) é necessário que os nossos professores sejam capacitados e habilitados para lidar com esse fenômeno, uma vez que ele os atinge diretamente,

a considerar o baixo rendimento, observado em vários alunos, como resultado do seu trabalho.

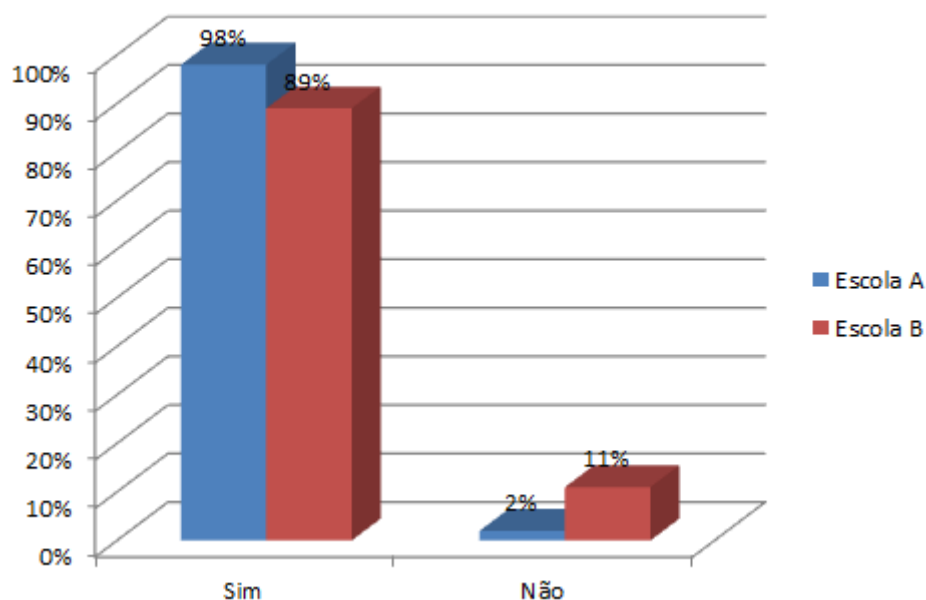
A escola como um todo tem que estar preparada para lidar com o *bullying*, esse tema é do interesse de todo meio educacional e social. Só com a prevenção pode ajudar o sofrimento vivido em consequência do *bullying*.

Gráfico 8: Porcentagem de quem informa sobre *bullying* na escola



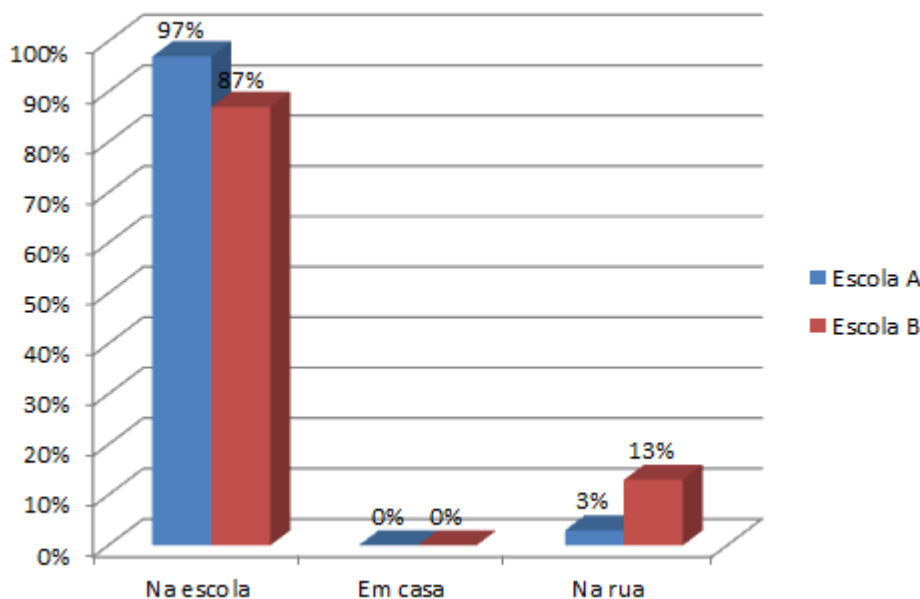
Segundo Silva (2010), o *bullying* existe em todas as escolas, o grande diferencial entre elas é a postura que cada uma tomará em relação aos fatos ocorridos. Independente da escola os profissionais da área de educação devem estar atentos a esse fenômeno, identificando precocemente os agressores e dando total apoio à vítima, pois quanto mais cedo à identificação do problema, mais fácil e rápido será combatê-lo.

De acordo com o gráfico 9, a maioria dos alunos das escolas A (98%) e B (89%) conhecem alguém que já sofreu ou é vítima de *bullying*. Isso mostra que a maioria já esteve indiretamente envolvido com esse fenômeno. Conforme Dawkins (1995) as crianças e adolescentes podem ser identificados como vítimas, agressores ou testemunhas, de acordo com sua atitude diante de situações de *bullying*. Não há evidências que permitam prever qual papel adotará cada aluno, uma vez que pode ser alterado de acordo com as circunstâncias.

Gráfico 9: Porcentagem alunos que conhecem ou não vítima de *bullying*

A forma de classificação utilizada pela ABRAPIA (2004) teve o cuidado de não rotular os estudantes, evitando que estes fossem estigmatizados pela comunidade escolar. Adotaram-se, então, os termos autor de *bullying* (agressor), alvo de *bullying* (vítima), alvo/autor de *bullying* (agressor/vítima) e testemunha de *bullying* (LOPES NETO, 2005).

Segundo Silva (2010), existem três tipos de expectadores: passivos, ativos e neutros. Os expectadores passivos ou “testemunhas silenciosas”, segundo Calhau (2009, p. 10), são aqueles que se calam com medo de serem a próxima vítima, mesmo não concordando com a situação são obrigados a ficar calados por meio de ameaças. Os expectadores ativos, geralmente, apóiam os agressores com risadas, sendo em alguns casos o provocador das agressões, ficando de fora rindo da situação do outro. Os expectadores neutros não se incomodam com a prática do *bullying* e nunca “sabem de nada”, se omitem sempre deixando os agressores impunes e deixam de revelar a verdade.

Gráfico 10: Onde o *bullying* acontece com mais frequência

Com base em todas referências teóricas já pesquisadas se pode confirmar que o *bullying* é um fenômeno que acontece no âmbito escolar. Esse fato é comprovado pela análise dos dados apresentados pelo gráfico 10, onde 97% dos alunos da escola privada, e 87% dos alunos da pública afirmam que o *bullying* acontece com mais frequência na escola. O *bullying* é um problema mundial e tem sido manifestado tanto em escolas públicas como privadas.

Também dados de uma pesquisa realizada em 2009, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE), três em cada dez estudantes já foram vítimas de *bullying*, sendo que 35,9% são de escolas particulares, enquanto 29,5% pertencem a rede pública de ensino. Os dados mostram que a prática não ocorre apenas entre estudantes de escolas públicas, mas também em ambientes onde os alunos na maioria das vezes, vivem em uma classe social mais favorecida.

- **Dados acerca de redes sociais**

Atualmente, vive-se com uma nova realidade, as novas tecnologias que trouxeram o surgimento de outro espaço social. De acordo com Souza (2005), o

não-lugar das novas tecnologias que adentrou em ambientes restritos, e estabelece novos valores e parâmetros de convivência, de relações, propagação de poder e formação de identidades, sejam patológicas ou não. É através deles que se pode entrar no ciberespaço e desenvolver uma série de relacionamentos que muito se assemelham aos que se tem no mundo real, mas com limitações próprias do mundo virtual.

Dessa forma, tem um novo espaço antropológico, como afirma a pesquisadora Silva (2001). Esse ciberespaço, que existe para além do espaço físico, também influencia a vida dinâmica das novas cidades do século XXI, ou seja, a galáxia da internet, segundo Castells (2004), além de criar seu mundo particular, também reconfigura as dimensões e as relações das megacidades atuais, gerando uma "lógica de fluxos" (CASTELLS, 2010).

Para falar sobre *cyberbullying*, define-se antes ciberespaço e cibercultura.

O ciberespaço (que também chamarei de 'rede') é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo 'cibercultur' especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p.17).

A socialização é "interação" e um "jogo", isto é, um jogo de "faz de conta", não necessariamente mentiroso, em que todos são iguais e "[...] ao mesmo tempo, faz de conta que cada um é especialmente honrado" (SIMMEL, 2006, p.71).

Observa-se no gráfico 11 como as redes sociais passam ser a ferramenta de mais interação ou socialização dos alunos nas escolas, principalmente hoje (2012). Basta ver a distribuição das redes mais utilizada tanto na escola (A) privada quanto na escola (B) pública. Com o advento das novas tecnologias da comunicação, em especial da internet, representada como uma imensa rede, onde é possível potencializar as interações sociais em vários níveis, sociabilidades específicas surgiram, conferindo complexidade ao terreno das relações humanas (CASTELLS, 2009 e 2010).

Gráfico 11: Percentual de alunos que utilizam redes sociais

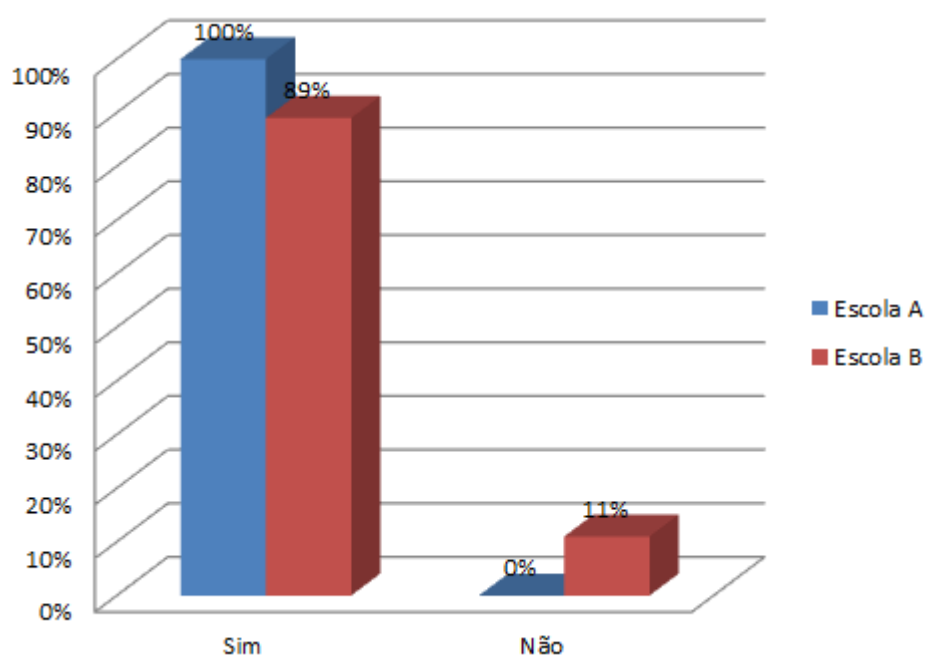
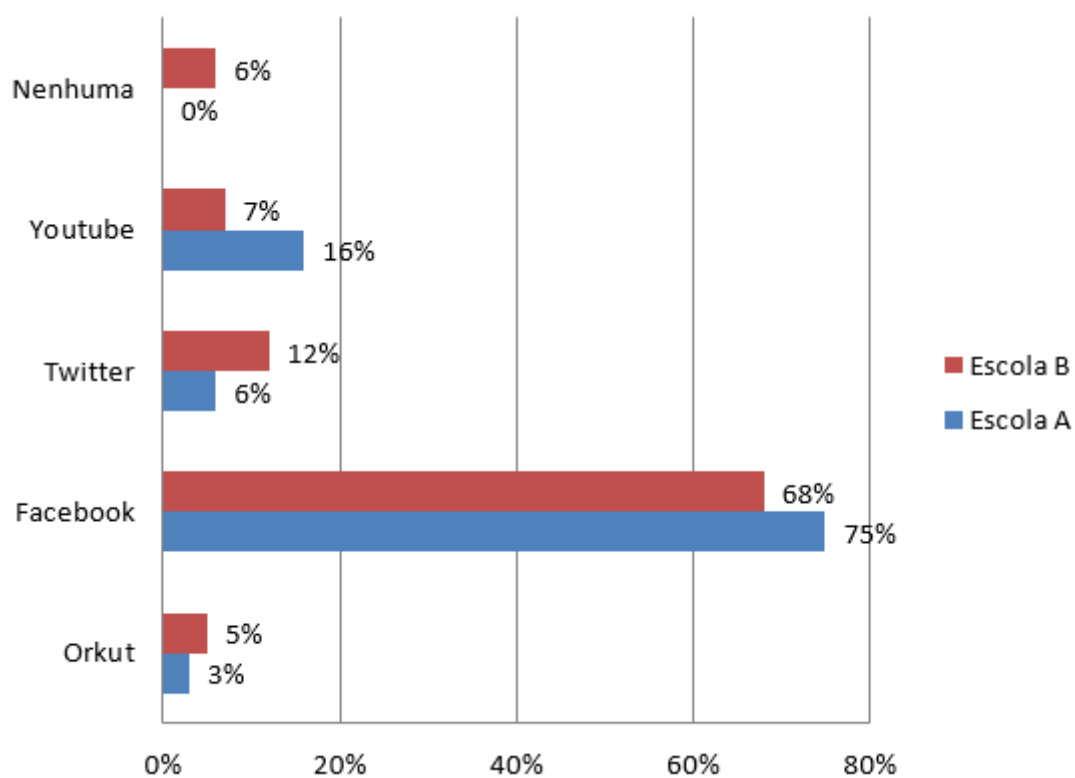


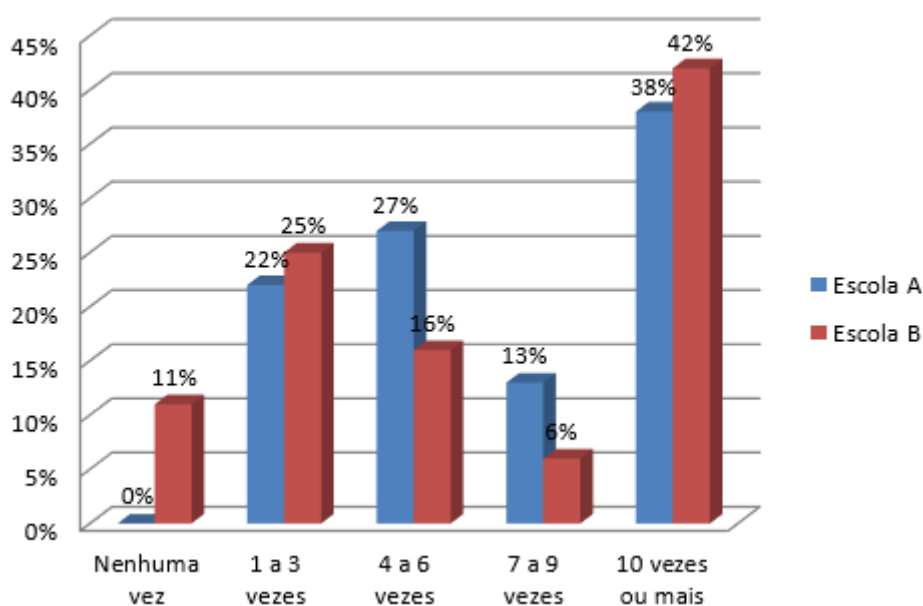
Gráfico 12: Redes sociais utilizadas frequentemente.



Observa-se que o gráfico 12, que a rede social utilizada frequentemente é o Facebook, tanto pelos alunos da escola A (75%) quanto da escola B (68%), a rede social mais utilizada por eles é o *Facebook*. Esta rede social proporciona uma vasta lista de ferramentas e aplicações que permitem aos utilizadores comunicar e compartilhar informação, assim como controlar quem pode acessar a informação específica ou realizar determinadas ações (EDUCAUSE, 2007).

As redes sociais têm uma conexão tão mais rápida e intensa com outras pessoas que motivam os jovens a acessar e passar horas conectados. De acordo com Avilés (2009, p. 79), uma forma de “assédio entre iguais através do celular e da internet”, em que as agressões são feitas “através das novas tecnologias de informação e comunicação, em espaços virtuais”.

Gráfico 13: Frequência de acesso às redes sociais, vezes ao dia



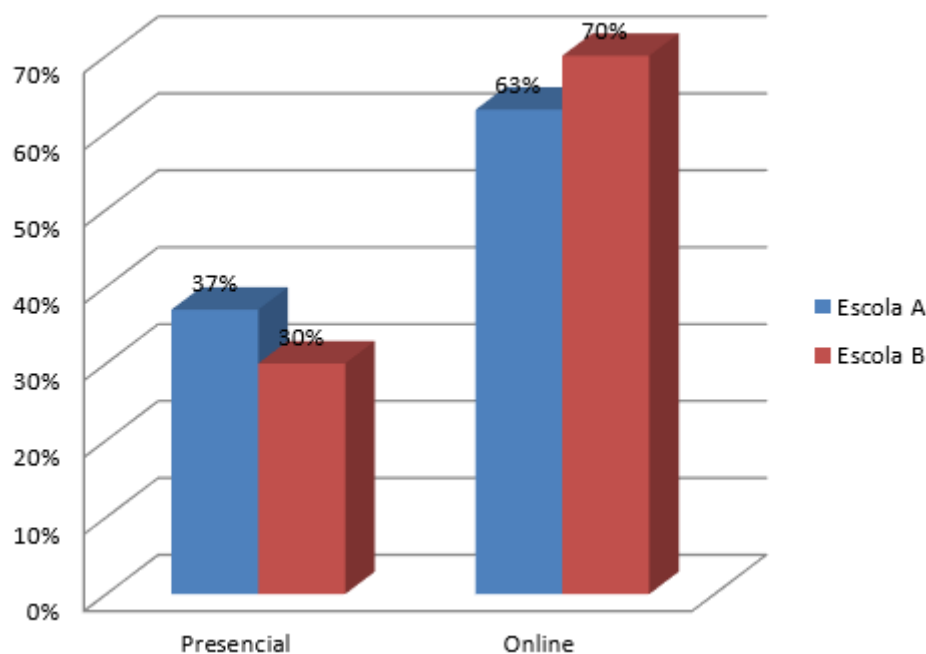
Os dados do gráfico 13 apontam para uma simpatia, desejo ou até mesmo uma necessidade dos alunos em estarem conectados às redes sociais. Não há uma distribuição uniforme em relação ao número de acessos, porém uma grande parte dos alunos de ambas as escolas afirmam acessar as redes sociais mais de 10 vezes ao dia (Escola A 38%, Escola B 42%).

Segundo Prados (2006), a internet, de certa forma, desperta em alguns jovens o sentimento de que não existem normas, regras e nem moralidade que regule a vida na rede de maneira que pode ser usada para o bem ou para o mal.

Estando conectados diariamente, estes alunos estão suscetíveis a um agravante considerado uma evolução na manifestação do *bullying*, o chamado *cyberbullying*. Este comportamento envolve o uso da informação e das tecnologias digitais atuais, como *e-mails*, mensagens para celulares, mensagens de texto instantâneas, MSN, *web sites* pessoais, comunidades virtuais, *sites* de relacionamento, dentre outros, como meio de apoio deliberado para a propagação de comportamento hostil com o objetivo repetido de injuriar, caluniar e prejudicar alguém (BELSEY, 2011).

Para Li (2006), há um número significativo de jovens que já sofreram este tipo de violência pela rápida propagação que as redes sociais oferecem.

Gráfico 14: Onde as agressões são mais potencializadas



Quando questionados sobre onde as agressões são mais potencializadas, os alunos das escolas A (63%) e B (70%), responderam haver uma intensidade nas agressões *online* (gráfico 14).

Matte (2012), em seu estudo afirma que, mesmo com a capacidade de disseminação da informação que a internet possui, não é uma ameaça necessariamente maior ao sujeito do que o *bullying* realizado no seu círculo social imediato. Outro ponto que caracteriza o *cyberbullying* como um pouco mais nocivo em relação ao *bullying* presencial, que é a maior permanência da informação internet, também é analisado por Matte (2012, p. 5):

Informações na internet só ficam on-line para sempre se forem mantidas lá. Podem ser apagadas muito facilmente e podem também permanecer lá sem serem acessadas, como um livro fechado que nunca mais foi lido. Somente uma ação intencional pode garantir sua permanência e foco, mas também a manutenção de uma informação em foco não é uma tarefa fácil e nem mesmo existe uma fórmula que sempre funcione, nem na web, nem em qualquer outro meio de divulgação.

É importante ressaltar que cada caso de *bullying* deve ser tratado e estudado em suas particularidades. Pode haver casos extremos de *bullying* presencial tanto quanto na internet. O principal ingrediente da eficiência do *bullying* não está no meio onde ocorre, mas sim na forma de agressão.

5.1 Entrevista com os orientadores educacionais da escola pública e privada do Município de Macaé/RJ

Para perceber a visão dos orientadores educacionais das escolas pesquisadas em relação ao reflexo do *bullying* no processo de ensino-aprendizagem dos alunos dos 9º anos do Ensino Fundamental, fez-se necessário uma entrevista.

A seguir, são mostradas as respostas dos orientadores. Para efeito de organização o orientador da escola particular será denominado Orientador A e o orientador da escola pública será denominado Orientador B.

5.1.1 Respostas dos orientadores educacionais.

Tabela 3: Respostas da entrevista com os orientadores educacionais

Pergunta	Resposta Orientador A	Resposta Orientador B
A orientação educacional está ciente de casos de <i>bullying</i> em sua escola? Como é feito o levantamento destes casos?	Sim. O levantamento é feito a partir das observações do comportamento dos alunos e até mesmo relato de amigos e familiares.	Sim. Todo orientador educacional fica atento a casos de <i>bullying</i> em suas escolas, visto que é uma prática que vem atingindo várias crianças e adolescentes no âmbito escolar como vem sendo demonstrado na mídia como forma de conscientização e prevenção.
As crianças envolvidas com <i>bullying</i> apresentam uma queda no desempenho escolar?	Sim.	As crianças envolvidas sofrem consequências no desempenho escolar onde pode-se notar uma queda na concentração e dispersão, seguido pelo desinteresse pelos estudos
Existem indicadores que comprovem uma queda nesse desempenho, após a ocorrência constante de <i>bullying</i>?	Sim. Sua participação em sala de aula deixa de se ativa e seus resultados deixam e ser positivos	Sim. Há uma notória queda no rendimento escolar, um alto número de faltas até a evasão do aluno.
O sistema escolar tem apresentado uma resposta especializada para reverter essa situação?	Sim. O que a escola tem feito para lidar com essa situação baseia-se em diálogos, reuniões com as famílias e palestras sobre o tema.	Sim, trabalhamos de forma para informá-los sobre o fenômeno <i>bullying</i> e as suas consequências, com o objetivo de evitá-lo. São realizados jogos cooperativos, envolvendo todos os alunos da classe para que se evite as chamadas “panelinhas”, sempre com o propósito de prevenir, não

		deixando acontecer esses tipos de práticas entre os alunos
Como as famílias dos alunos envolvidos têm reagido ao <i>bullying</i>?	Na escola em que trabalho, quando acontece algum caso referente ao assunto, as famílias apesar de não aceitarem, procuram trabalhar em parceria com a equipe educacional, para juntos tratarem o problema.	Aqui na escola, muitos pais tomam ciência deste fenômeno por parte da nossa equipe, onde participam quando podem atenuamente de palestras e atividades, para impedir que esta prática ocorra com seus filhos, visto que é propósito de todos quererem que seus filhos sejam educados de maneira satisfatória.
Quem são os <i>bullies</i>?	Geralmente alunos inteligentes e/ou muito estudiosos.	Para se determinar quem são os <i>bullies</i> na escola, procuramos sempre fazer um diagnóstico da turma e também individual, pois dependendo-se do grupo, são sempre aqueles que de alguma maneira se destacam dos demais, podendo ser por nota, comportamento, algum tipo de habilidade, dentre outros fatores.
Como estão envolvidos no processo de aprendizagem?	Sempre com muito diálogo e parceria com os professores	Aqui na escola é necessário que conheçamos todos os nossos alunos bem como um pouco de sua vida para podermos interferir sempre que necessário de forma positiva, para amenizarmos determinadas situações.
Como poderemos ajudá-los?	Incentivando-os, mostrando-lhes que são capazes de vencer tal situação.	Precisamos passar para os nossos alunos não apenas conteúdos programáticos das disciplinas, mas também valores como respeito e solidariedade, esquecendo-se

		daquele instinto competitivo de sala de aula que o sistema nos impõe. Mostrar que existe diferenças entre as pessoas, mas que isso não é um defeito e sim uma qualidade oriundo de um país de diversidades culturais.
Os reflexos do <i>bullying</i> no desempenho escolar variam de acordo com a classe social em que os alunos estão inseridos?	Não. <i>Bullying</i> é sempre <i>bullying</i> e onde ocorre causa danos ao emocional do ser humano.	Não. O reflexo do <i>bullying</i> no desempenho escolar independe da classe social em que estão inseridos, e sim da falta de ensinamento dos valores familiares, falta de amor, uma maneira pela qual o aluno necessita chamar a atenção para si própria.

5.1.2 Análise das entrevistas

Observa-se a partir das entrevistas com orientadores educacionais das escolas pesquisadas, que a escola tem um papel fundamental no combate ao *bullying* mesmo levando em consideração suas particularidades e diferentes ações educativas.

O fenômeno *bullying* não é mais um assunto a parte do projeto pedagógico da escola, mas sim inserido no processo ensino aprendizagem. Os orientadores entrevistados afirmam que o *bullying* afeta o desenvolvimento escolar das vítimas, sendo este fenômeno diagnosticado por meio das observações dos comportamentos dos alunos e por relatos de professores.

Para Fante (2008) o *bullying* trata-se, portanto de um fenômeno comportamental, que atinge o ego de suas vítimas e que interfere negativamente nos seus processos de aprendizagem, devido à excessiva mobilização de emoção, medo, de angústia e raiva reprimida. Suas consequências na aprendizagem são

baixa estima, queda no rendimento escolar e dispersão fazendo que haja desinteresse pelo estudo.

Ainda pode ser observado que existem dificuldades entre os orientadores educacionais em diferenciar as vítimas dos agressores, visto que ambos apresentam comportamentos diferenciados diante de verdadeiras situações de *bullying*. Segundo Silva (2011), os agressores, geralmente, são mais altos, fortes e impulsivos do que os demais e necessitam ter o poder e o controle sobre os outros, o que pode levá-lo a ser acompanhado por pequenos grupos.

Segundo Fante (2005), a prevenção ao *bullying* deve começar pela capacitação dos profissionais de educação, a fim de que saibam identificar, distinguir e diagnosticar o fenômeno, bem como conhecer as respectivas estratégias de intervenção e de prevenção hoje disponíveis.

Nesta pesquisa, foram utilizados teóricos que abordam a prática do *bullying*, assim como as suas principais vítimas e agressores, buscando soluções para essa problemática, a exemplo de Fante (2008), Calhau (2009), entre outros a prática do *bullying* avalia a postura da família e escola diante do problema, o que é trabalhado fortemente diante das escolas pesquisadas por meios de palestras, trabalhos em grupos e conscientização da família.

Cabe as escolas trabalhar com a prevenção desse fenômeno buscando a parceria com a família para tratar do problema.

O ideal é que todas as escolas tomem a iniciativa de prevenir a violência antes que ela se instale em seu meio e inviabilize o processo educativo, chegando ao ponto de não conseguir resolver, de um modo geral, as questões ligadas principalmente aos conflitos interpessoais, geradores da violência. Para tanto, a escola deveria ser um espaço democrático no qual o ensino se estendesse para além da instrução, a convivência fosse tratada de maneira democrática e os valores humanísticos fossem transmitidos pela educação dos sentimentos e das emoções (FANTE, 2005, p. 96).

As entrevistas demonstram ainda que as escolas estão cientes do fenômeno *bullying*, e que as mesmas adotam práticas de prevenção e acompanhamento, tais como palestras, diálogos, reuniões com os pais, jogos cooperativos e conscientização de toda a comunidade educativa, para que diante do sistema escolar

estas práticas sejam evitadas e, conseqüentemente, minimizadas diante dos seus impactos com os comportamentos dos alunos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar um entendimento acerca de como a rede social vem sendo usada na potencialização do *bullying* no âmbito escolar e quais seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa partiu do princípio de que o *bullying* feito no âmbito escolar, por meio das novas tecnologias de informação e comunicação (ciberespaço), aproveita a velocidade das informações para sua prática na rede social.

Diante dos objetivos desta pesquisa verifica-se que o *bullying* acontece há muito tempo no âmbito escolar, se caracterizando por manifestações violentas tanto físicas quanto psicológicas, repetidamente com intenção de agredir e intimidar.

Sendo assim, concluiu-se que a prática do *bullying* são vivenciadas em ambas as escolas da iniciativa pública e privada, confirmando assim que esses tipos de agressões independe dos diferentes níveis sócio-econômicos, caracterizado como um reflexo que vem ocorrendo na sociedade.

Com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação presente na sociedade, há um grande aumento do fenômeno de valorização das relações interpessoais virtuais através das redes sociais. Este mundo novo trazido pelas novas tecnologias está cada vez mais presente no cotidiano social. Em consequência, se tem a potencialização das agressões, antes presentes apenas nos limites físicos das escolas, agora presentes no ciberespaço, sem fronteiras físicas e temporais. É inegável que esta revolução cibernética-tecnológica afeta os mais variados aspectos da sociedade através da inserção de novos contextos virtuais.

A partir dos dados levantados através de questionários aplicados aos alunos das escolas pesquisadas, foi possível constatar que os alunos estão cientes do fenômeno *bullying*, e que grande parte já sofreram e ou conhecem alguém que seja vítima de algum tipo de agressão. As informações que os alunos têm a respeito do *bullying* são obtidas na escola através dos professores, orientadores educacionais e gestores.

Todos os alunos entrevistados possuem perfil em redes sociais, sendo constatado que a rede social mais utilizada entre os jovens é o *Facebook*. Admite-se ainda que as redes sociais potencializam as agressões, já que as informações ali apresentadas não ficam restritas apenas a pares, mas ficam visíveis a todos os elementos da rede de contatos.

Quanto à relação agressor/vítimas, constatou-se que o maior índice de agressores foi do sexo feminino, o que é justificado de acordo com a literatura por uma tendência mundial, visto que, as meninas estão copiando as condutas agressivas dos meninos. Quanto às vítimas, conclui-se que não há distinção entre os gêneros, visto que ambos sofrem a prática do *bullying*.

Em relação à pesquisa com os orientadores educacionais pode-se constatar que o *bullying* afeta o desempenho escolar das vítimas, provocando a baixa auto-estima, aumento do número de faltas, dificuldades de concentração, dificuldades de relacionamento ou com deficiências de aprendizagem, e em muitos casos a evasão.

Sem pretender encerrar as discussões é preciso entender que o *bullying* e o *ciberbullying* não são problemas que devam ser enfrentados unicamente pela comunidade escolar. É preciso estabelecer parcerias entre todos os envolvidos nesses problemas: vítimas, agressores, espectadores, famílias, professores, gestores e comunidade. Desenvolver um projeto sócio educativo que trabalhe valores como o respeito e amor ao próximo, aceitação das diferenças, moral e limites, tende a ser uma importante, talvez a mais eficaz, ferramenta no combate ao *bullying*.

É possível retornar às escolas pesquisadas e apresentar para toda comunidade educativa os dados obtidos e analisados nessa pesquisa. A organização de palestras e grupos de discussões é imprescindível para propor estratégias de prevenção e conscientização em relação ao *bullying* e sua variante virtual, o *ciberbullying*. Toda a pesquisa e futuras estratégias tem por objetivo minimizar o *bullying* no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265POR.pdf>> Acesso em: setembro 2012.

ABRAPIA – **Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência** (Aramis Lopes Neto – coordenador.)

AVILÉS, J. **Cyberbullying: diferenças entre el alumnado de secundaria**. *Boletín de Psicología*, n.96, p. 79-96, 2009.

AZEVEDO, J. *et al.* **O cyberbullying e suas relações com as estruturas psíquicas**. *Nucleus*, v. 9, n. 1, p. 241-251, abr. 2012.

BARAN, Paul. **On distributed communications: introductions to distributed communications networks**. Memorandum project RAND – USAF. 1969. Disponível em: <http://www.mediafire.com/download.php?ohlybjqbt56c7mo>. Acesso em: maio de 2013.

BELSEY, B. **Are you aware of, or are supporting someone who is the victim of cyberbullying?** In: **What can be done about Cyberbullying?** Disponível em: <<http://www.Cyberbullying.ca/info.html>>. Acesso em: 17 set. 2011.

BENEDIKT, MICHAEL, **Cyberspace: some proposals, in cyberspace: first steps**. London: MIT Press, 1991.

BOYD, D.; ELLISON, N. **Social network sites: definition, history, and scholarship**. *Journal of Computer-Mediated Communication*, n. 13, p. 210-230, 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases – LDB**. 1996. Disponível em: <<http://www.ldb.org.br>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

BURGESS-PROCTOR, A.; PATCHIN, J.; HINDUJA, S. **Cyberbullying and online harassment: reconceptualizing the victimization of adolescent girls**. New Jersey: Prentice Hall, 2008.

CALHAU, L. **Bullying o que você precisa saber, identificação, prevenção e repressão**. Niteroi, Rio de Janeiro: Impetus, 2009.

CARREIRA, D. B. X. **Violência nas escolas: qual o papel da gestão?** Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Brasília. Brasília. 2005.

CARVALHO, I.; ALMEIDA, P. **Família e proteção social**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 17, n. 2, jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392003000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 set. 2012.

CASTELLS, M. **A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

_____. **Comunicación y poder**. Madri: Alianza, 2009.

_____. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CRAIG, W. **The relationship among bullying, victimization, depression, anxiety, and aggression in elementary school children**. *Personality & Individual Differences*, n. 24, p. 123–130, 1998.

CHRISPINO, Álvaro e CHRISPINO, Raquel. **Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar**. São Paulo: Editora Biruta, 2002.

CUNHA, A. **Bullying**. 2011. Disponível em: <http://www.aparecidacunha.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html>. Acesso em: 15 abr. 2012.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola. Como os sociólogos abordam essa questão**. *Sociólogas*, Porto Alegre, ano 4, nº8, jul/dez 2002, p.432-443. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>>. Acesso em 20 de agosto de 2012.

DAWKINS, J. **Bullying in school: doctors responsibilities**. *BMJ*, n. 310, p. 274-275, 1995.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília, Distrito Federal: Unesco, 2002.

ELINOFF, M.; CHAFOULEAS, S.; SASSU, K. **Bullying: considerations for defining and intervening in school settings**. *Psychol Sch.*, n. 41, p. 887-897, 2004.

EDUCAUSE. **7 things you should know about Facebook II**. 2007. Disponível em: <<http://www.net.educause.edu/ir/library/pdf/ELI7025.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2012.

FANTE, C. **O fenômeno bullying: como prevenir nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Verus, 2005.

FEKKES, M. *et al.* **Do bullied children get ill, or do ill children get bullied? A prospective cohort study on the relationship between bullying and health-related symptoms**. *Pediatrics*, São Paulo, n. 117, p. 1568–1574, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários: à prática educativa**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

GUARESCHI, P. **Bullying: mais sério do que se imagina**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

HAAN, Willem. **Violence as an Essentially Contested Concept**. *Violence in Europe*. Springer 2008. Disponível em: <<http://springer.com/9780387745077-c2.pdf>> Acesso em: setembro de 2012.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?>>. Acesso em: 30 out. 2012.

KELLY, B. **Introduction to Facebook:** opportunities and challenges for the institution. 2007. Disponível em: <<http://www.ukoln.ac.uk/web-focus/events/meetings/bath-facebook-2007-08>>. Acesso em: 21 abr. 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura.** 34. ed. São Paulo, 1999.

LI, Q. **Cyberbullying in schools:** a research of gender differences. *School Psychology International*, v. 27, 2006.

LOPES NETO, A. **Bullying:** comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria Online*, v. 81, n. 5 (supl.), p. 164-172, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00215572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tIng=pt\monografias,dissertacoeseses>. Acesso em: 15 mai. 2012.

LIMBER, S. P., & SMALL, M. A. (2003). **State laws and policies to address bullying in schools.** *School Psychology Review*, 32, 445-455. Disponível em: <<http://www.questia.com/library/1G1-110797309/state-laws-and-policies-to-address-bullying-in-schools>>. Acesso em: setembro de 2012.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.

MARTINS, E. **Violência na escola:** concepções e atuação de professores. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

MASON, K. **Cyberbullying (intimidação psicológica com a ajuda da tecnologia):** Avaliação preliminar no ambiente escolar. *Psychology in the Schools*, v. 45, n. 4. Universidade Estadual de Cleveland, 2008.

MATTE, A. **A respeito da construção semiótica do sentido do bullying e do cyberbullying.** Texto livre: Linguagem e Tecnologia, v. 5, n. 1, 2012.

MICHAUD, Yves. **A violência.** Coleção Princípios e Fundamentos. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MINAYO, M. **Abordagem antropológica para avaliação de políticas sociais.** *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 233-238, 1991.

_____. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

MUSSO, P. **Tramas da rede.** Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. São Paulo: Sulina, 2004.

NANSEL, T. et al. **Bullying behavior among U.S. youth:** prevalence and association with psychosocial adjustment. *Journal of the American Medical Association*, n. 285, p. 2094–2100, 2001.

NEJM, Rodrigo. **O Ciberespaço como espaço público**. Trecho do debate “Educar na Cultura Digital”. Bienal de São Paulo. 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=z9jswF31rz0>.

NETO, A. **Bullying comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5 (Supl), p. 164, 2005.

NOGUEIRA, R. **Escola e violência**: análise de dissertações e teses sobre o tema produzidas na área de Educação, no período de 1990 a 2000. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

ODALIA, Nilo. **O que é a violência**. Coleção Primeiros Passos. 4ª ed, São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

OLIVEIRA, S. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisa, TGI, TCC. 2000.

OLWEUS, D. **Bullying at school**. Oxford y Cambridge: Blackwell, 1993.

PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar** – Perguntas e respostas; Ed. Artmed, 2008.

_____. **Aprendendo a prevenir o bullying na escola**. Campanha aprender sem medo. Cartilha Plan Brasil. 2010. Disponível em: <http://www.plan.org.br/publicacoes/download/cartilha_bullying_para_professores.pdf> Acesso em 13 de junho de 2012.

PEREIRA, B. **Bullying**. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nevaspopss/2012/05/14/professora-beatriz-oliveira-pereira-fala-sobre-bullying>>. Acesso em: 17 mai. 2012.

PETERSON, D. **Desenvolvimento emocional**: o papel da escola. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PRADOS, M. **Menores y riesgos en la red**. Un dilema para los padres. In: III Congresso on line - Observatorio para la Cibersociedad. Anais 2006.

RAHAL, N. **A Agressividade e o bullying nas aulas de Educação Física**: a visão do professor. Monografia, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.

REICHERT, E. **Período de estruturação**: dos seis aos doze anos de idade. Infância, a idade sagrada: anos sensíveis em que nascem as virtudes e os vícios humanos. Porto Alegre: Vale do Ser, 2008.

ROSENTHIEL, P. **Rede**. In: Enciclopédia Einaudi, v. 13, Lógica-Combinatória. Porto, Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988.

SANTOMAURO, B. **Desafio**: falar em público. In: Revista Nova Escola, ano XXV, n. 230, mar. 2010.

SILVA, A. B. B. **Bullying**. Cartilha 2010 – Projeto Justiça nas Escolas. 1ª ed. 2010. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/images/programas/justica-escolas/cartilha_bullying.pdf>. Acesso em: agosto de 2012.

SILVA, N. **O papel do orientador educacional mediante o bullying**. Pesquisa em Foco, v. 19, n.1, p. 79-93, 2009.

SILVA, L. **A internet - a geração de um novo espaço antropológico**. In: LEMOS, A.; PALACIOS, M. Janelas do ciberespaço - comunicação e cibercultura. Rio Grande do Sul: Sulina, 2001.

SILVA, A. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, N. **O papel do orientador educacional mediante o bullying**. Pesquisa em Foco, v. 19, n. 1, p. 79-93, 2011.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SMITH, P. *et al.* **An investigation into cyberbullying, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in cyberbullying**. 2006. Disponível em: <<http://www.staffsscb.org.uk/NR/rdonlyres/B1B38C84-C008-4CE3-8762-73F26465B14/46165/CyberBullyingFinalReport.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2011.

SOUZA, Carlos, H. M. **Comunicação. Educação e Novas Tecnologias**. Rio de Janeiro. FAFIC. 2004.

SOUZA, C.; COSTA, M. **Abordagens antropológicas do ciberespaço e da cibercultura**. In: Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 163, p. 85-94, out.-dez. 2005.

SPOSITO, M. P. **A Instituição escolar e a violência**. Cadernos de pesquisa, São Paulo, v. 104, p. 58-75, 1998.

SPUDEIT, D. **O fenômeno social das redes de informação**: reflexão teórica. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 87-100, jan.-jun. 2010.

VANDE, M. **The language of cyberspace**: an architectural approach. Dissertação de Mestrado, Universidade K. U. Leuven, Bélgica, 1998.

WADDINGTON, P.A.J., D. Badger & R. Bull. **Appraising the inclusive definition of workplace 'violence'**. British Journal of Criminology, 45, 141–164. 2004.

ZAMBONI, E.; BOZZA, T. **Os jovens e a cultura contemporânea**. Pesquisa de iniciação científica em desenvolvimento na Faculdade de Educação da UNICAMP, São Paulo, 2010.

Sites Pesquisados:

Disponível em: <<http://www.abrapia.org.br/>> (site da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência). Acesso em: 10 jul 2012

Disponível em: <<https://www.docs.google.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <<https://www.ebah.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <<https://www.facebook.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <<https://www.flickr.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <<https://www.foursquare.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <<http://www.linkedin.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012

Disponível em: <<https://www.macaerj.gov.br/conteudo?id=41>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <<http://www.myspace.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <<http://www.orkut.com.br>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <<https://www.plus.google.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <<http://www.sbmec.org.br/bol/bol-2/artigos/satoru/fig2.gif>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <<http://www.seututorial.com/2012/08/redes-sociais-mais-acessadas-de-2012.html>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <<http://www.twitter.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <[http://www.upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9f/Example_The_travelling_salesman_problem_\(TSP\).gif](http://www.upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9f/Example_The_travelling_salesman_problem_(TSP).gif)>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <<https://www.youtube.com>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

Disponível em: <http://www.13bits.com.br/file/images/54c78a1d927545d05b1be9417770a12943df5dbbf6ae1025e1f99c6e80a62ff5_big.jpg>. Acesso em: 14 jul. 2012.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, estou sendo convidado voluntariamente a participar de um estudo denominado tema do Trabalho, cujos objetivos e justificativas são: promover um estudo sobre a prática do *bullying* e suas inter-relações com as redes sociais digitais no contexto da escola; além de exemplificar ações violentas e os comportamentos daqueles que se envolvem em situações de *bullying* e *Cyberbullying*.

A minha participação no referido estudo será respondendo ao questionário referente à pesquisa de Mestrado em Cognição e Linguagem, na Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é a mestranda em “Cognição e Linguagem” Fabiana Aguiar de Miranda e com ela poderei manter contato pelos telefones (22) 2773-1716 ou (22) 9245-1685. É assegurada a assistência durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e que, se desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

A pesquisa não terá nenhum tipo de ônus ao aluno participante.

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, diretor (a) da Escola _____ matrícula _____, autorizo Fabiana Aguiar de Miranda, aluna do Programa de Pós-Graduação do curso de Mestrado em Cognição e Linguagem, da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), a realizar coleta de dados para a pesquisa intitulada **“BULLYING: AS POTENCIALIZAÇÕES DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NO ÂMBITO ESCOLAR”**, sob orientação da professora Dr^a. Rosalee Santos Crespo Istoe. Tendo em vista que a pesquisa tem por objetivo identificar e analisar as redes sociais em torno das escolas de ensino fundamental pertencentes ao município de Macaé/RJ para o enfrentamento dos casos de *bullying* escolar e que o projeto segue as especificações da Resolução 196/96, que diz respeito à pesquisa em seres humanos.

Nome do (a) diretor (a)

APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo que meu(minha) filho(a) participe, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de mestrado Fabiana Aguiar de Miranda, do curso de Cognição e Linguagem, na Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, que pode ser contatada pelo e-mail fabianaaguia09@gmail.com pelos telefones (22)2773-1716 e (22) 9245-1685.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com alunos, visando, por parte da pesquisadora a realização de um trabalho de conclusão de mestrado intitulado “Bullying: As Potencializações das Redes Sociais Digitais no Âmbito Escolar”.

A participação de meu(minha) filho(a) consistirá em responder um questionário online. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim sua privacidade. Além disso, sei que posso cancelar a participação de meu(minha) filho(a) na pesquisa quando quiser sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo à assistência que vem recebendo e que ele(ela) não receberá nenhum pagamento por esta participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de tudo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto livre consentimento na participação de meu(minha) filho(a).

Assinatura do Responsável

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIOS APLICADOS NAS ESCOLAS PÚBLICA E PRIVADA²

Idade

- 13 anos
- 14 anos
- 15 anos
- 16 anos
- 17 anos
- 18 anos ou mais

Qual o maior índice de agressor entre os gêneros

- Feminino
- Masculino

Você já sofreu algum tipo intimidação, agressão ou assédio?

- Sim
- Não

Que tipo de intimidação, agressão ou assédio você já sofreu?

- Física
- Verbal

Com que frequência isto aconteceu?

- Nenhuma vez
- 1 vez
- 2 vezes
- 3 vezes ou mais

Você sabe que é *bullying*?

- Sim
- Não

² Este questionário foi aplicado através da ferramenta Formulário, que é parte integrante do pacote de soluções Google Docs. <<http://www.docs.google.com>>.

Em casa, seus pais já conversaram com você sobre o *bullying*?

- Sim
- Não

Na sua escola, você já foi informado sobre o *bullying*?

- Sim
- Não

Se respondeu "Sim", quem te informou sobre o *bullying* na sua escola? *

- Amigos
- Direção
- Professores
- Orientadores Educacionais
- Não recebi informações sobre *bullying* na escola

Conhece alguém que foi ou é vítima de *bullying*?

- Sim
- Não

Na sua opinião, onde o *bullying* acontece com mais frequência?

- Na escola
- Em casa
- Na rua

Você sabe a diferença entre *bullying* e *ciberbullying*?

- Sim
- Não

Você utiliza as redes sociais?

- Sim
- Não

Qual rede social você utiliza frequentemente?

- Orkut
- Facebook
- Twitter
- Youtube
- Nenhuma.

Com que frequência ao dia você acessa as redes sociais?

- 1 a 3 vezes ao dia
- 4 a 6 vezes ao dia
- 7 a 9 vezes ao dia
- 10 vezes ou mais ao dia
- Nenhuma vez

As agressões são mais agravantes quando são feitas presencial ou online?

- Presencial
- Online

APÊNDICE E
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA A

Idade	Qual o maior índice de agressores entre os gêneros	Você já sofreu algum tipo de intimidação, agressão ou assédio?	Que tipo de intimidação, agressão ou assédio você já sofreu?	Com que frequência a isto aconteceu?	Você sabe que é Bullying?	Na sua escola, você já foi informado sobre o Bullying ?	Em casa, seus pais já conversaram com você sobre o Bullying?	Se respondeu "Sim", quem te informou sobre o Bullying na sua escola?	Conhece alguém que foi ou é vítima de bullying?	Na sua opinião, onde o bullying acontece com mais frequência?	Você sabe a diferença entre Bullying e Cyberbullying?	Você utiliza as redes sociais	Qual rede social você mais utiliza?	As agressões são mais agravantes quando são feitas presenciais ou online?	Com que frequência ao dia você acessa as redes sociais?
14	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Twitter	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
16	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Twitter	Online	10 vezes ou mais ao dia
16	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Direção	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal		Sim	Sim	Não	Direção	Sim	Na escola	Sim	Sim	Youtube	Online	7 a 9 vezes ao dia

APÊNDICE E
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA A

16	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Youtube	Presencial	7 a 9 vezes ao dia
14	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	7 a 9 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Youtube	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	1 a 3 vezes ao dia

APÊNDICE E
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA A

14	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	4 a 6 vezes ao dia
14	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Youtube	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	10 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	7 a 9 vezes ao dia
15	Feminino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	7 a 9 vezes ao dia
15	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	4 a 6 vezes ao dia
17	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	4 a 6 vezes ao dia
15	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Direção	Sim	Na rua	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia

APÊNDICE E
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA A

14	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
15	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Youtube	Presencial	4 a 6 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Física	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	7 a 9 vezes ao dia
14	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Não	Não	Amigos	Sim	Na escola	Não	Sim	Orkut	Presencial	7 a 9 vezes ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Não	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia
15	Masculino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia

APÊNDICE E
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA A

14	Masculino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
15	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Não	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Direção	Sim	Na escola	Sim	Sim	Twitter	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na rua	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
16	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Twitter	Online	4 a 6 vezes ao dia

APÊNDICE E
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA A

14	Feminino	Sim	Física	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Amigos	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
15	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	1 a 3 vezes ao dia
15	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Orkut	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Sim	Física	2 vezes	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	7 a 9 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Youtube	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Youtube	Online	10 vezes ou mais ao dia

APÊNDICE E
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA A

14	Feminino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Youtube	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Não	Sim	Sim	Amigos	Sim	Na escola	Não	Sim	Youtube	Presencial	4 a 6 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Youtube	Online	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	10 vezes ou mais ao dia

APÊNDICE F
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA B

Idade	Qual o maior índice de vítimas entre os gêneros	Você já sofreu algum tipo intimidação, agressão ou assedio?	Que tipo de intimidação, agressão ou assedio você já sofreu?	Com que frequência isto aconteceu?	Você sabe que é Bullying?	Na sua escola, você já foi informado sobre o Bullying?	Em casa, seus pais já conversaram com você sobre o Bullying?	Se respondeu "Sim", quem te informou sobre o Bullying na sua escola?	Conhece alguém que foi ou é vítima de bullying?	Na sua opinião, onde o bullying acontece com mais frequência?	Você sabe a diferença entre Bullying e Cyberbullying?	Você utiliza as redes sociais	Qual rede social você mais utiliza?	As agressões são mais agravantes quando são feitas presencial ou online?	Com que frequência ao dia você acessa as redes sociais?
13	Masculino	Sim	Física	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Amigos	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Sim	Física	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na rua	Não	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
16	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia

APÊNDICE F
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA B

14	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia
13	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Presencial	1 a 3 vezes ao dia
16	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
17	Feminino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia

APÊNDICE F
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA B

17	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na rua	Não	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
15	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na rua	Sim	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia
16	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Orkut	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Não	Não	Facebook	Online	Nenhuma vez
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Amigos	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
17	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Youtube	Online	10 vezes ou mais ao dia

APÊNDICE F
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA B

16	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na rua	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
13	Feminino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Twitter	Presencial	7 a 9 vezes ao dia
17	Feminino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Não	Não	Nenhuma	Presencial	Nenhuma vez
15	Masculino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Não	Amigos	Sim	Na escola	Sim	Não	Nenhuma	Online	Nenhuma vez
15	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Não	Nenhuma	Online	Nenhuma vez
16	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Amigos	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
15	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Não	Sim	Twitter	Online	1 a 3 vezes ao dia

APÊNDICE F
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA B

16	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Direção	Não	Na escola	Não	Sim	Twitter	Online	1 a 3 vezes ao dia
15	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Amigos	Sim	Na rua	Não	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
15	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Amigos	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na rua	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
15	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	10 vezes ou mais ao dia

APÊNDICE F
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA B

16	Masculino	Sim	Física	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Orkut	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Sim	Física	1 vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Twitter	Online	4 a 6 vezes ao dia
16	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Amigos	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
16	Masculino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Não	Não	Nenhuma	Online	Nenhuma vez
15	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia

APÊNDICE F
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA B

14	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Youtube	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Amigos	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	1 a 3 vezes ao dia
15	Feminino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Twitter	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
15	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Twitter	Online	4 a 6 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Twitter	Online	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Não	Nenhuma	Online	Nenhuma vez

APÊNDICE F
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA B

15	Feminino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Não	Direção	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
15	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Não	Na escola	Não	Sim	Facebook	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
14	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Amigos	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Não	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia

APÊNDICE F
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA B

14	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Não	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	4 a 6 vezes ao dia
14	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Não	Na escola	Sim	Sim	Youtube	Presencial	7 a 9 vezes ao dia
15	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	1 a 3 vezes ao dia
15	Feminino	Sim	Verbal	2 vezes	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
15	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	7 a 9 vezes ao dia
15	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia

APÊNDICE F
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA B

14	Masculino	Sim	Física	1 vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	1 a 3 vezes ao dia
14	Masculino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Youtube	Online	7 a 9 vezes ao dia
14	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na rua	Sim	Sim	Twitter	Online	4 a 6 vezes ao dia
15	Masculino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na rua	Sim	Sim	Facebook	Presencial	1 a 3 vezes ao dia
14	Feminino	Sim	Física	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	10 vezes ou mais ao dia
15	Feminino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
13	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Sim	Direção	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Presencial	1 a 3 vezes ao dia

APÊNDICE F
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA B

16	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Não	Na escola	Não	Não	Nenhuma	Online	Nenhuma vez
14	Masculino	Sim	Verbal	1 vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na rua	Sim	Sim	Twitter	Presencial	7 a 9 vezes ao dia
14	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Não	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Não	Sim	Youtube	Presencial	1 a 3 vezes ao dia
16	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Sim	Na escola	Não	Não	Orkut	Presencial	Nenhuma vez
15	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Amigos	Não	Na escola	Sim	Sim	Orkut	Presencial	1 a 3 vezes ao dia

APÊNDICE F
RESPOSTAS ALUNOS ESCOLA B

14	Feminino	Sim	Verbal	3 vezes ou mais	Sim	Sim	Não	Professores	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia
13	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Presencial	4 a 6 vezes ao dia
15	Feminino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Não	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Não	Sim	Facebook	Online	1 a 3 vezes ao dia
15	Feminino	Sim	Física	1 vez	Sim	Sim	Sim	Orientadores Educacionais	Sim	Na escola	Sim	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia
15	Masculino	Não	Não sofreu nenhum tipo de agressão	Nenhuma vez	Sim	Sim	Sim	Professores	Não	Na rua	Não	Sim	Facebook	Online	10 vezes ou mais ao dia